

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**ESTUDO COMPARATIVO SINCRÔNICO
ENTRE O PARINTINTIN (TENHARIM)
E O URU-EU-UAU-UAU (AMONDAVA):
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REVISÃO NA CLASSIFICAÇÃO DAS
LÍNGUAS TUPI-KAWAHIB**

Por

Wany Bernardete de Araujo Sampaio

CAMPINAS - SP, 1977

WANY BERNARDETE DE ARAUJO SAMPAIO

**ESTUDO COMPARATIVO SINCRÔNICO
ENTRE O PARINTINTIN (TENHARIM)
E O URU-EU-UAU-UAU (AMONDAVA):
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REVISÃO NA CLASSIFICAÇÃO DAS
LÍNGUAS TUPI-KAWAHIB**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação do
Instituto de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre
em Linguística.

Orientadora: Profª Drª Tânia Alkmin - UNICAMP

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1997

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sa47e Sampaio, Wany
Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintin (Tenharim) e o Uru-eu-uau-uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas tupi-kawahib / Wany Sampaio. -- Campinas, SP: [s.n.], 1998.

Orientador: Tânia Alkmin
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas indígenas. 2. Linguística. 3. Línguas tupi. I. Alkmin, Tânia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Tania Maria Alkmin

Profª Drª Tania Maria Alkmin

Maria Bernadete Marques Abaurre

Profª Drª Maria Bernadete Marques Abaurre

Angel Humberto Corbera

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Suplente)

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por Mary Bernadete

de Araujo Sacramento

aprovada pela Comissão Julgadora em

05 / 02 / 98.

Profª Drª Tania Maria Alkmin

DEDICADO A

todos os grupos Uru-eu-wau-wau e Amondava;

meus companheiros de equipe do NEIRO;

minhas filhas Rafaela e Daniela;

minha amiga Maria do Socorro Pessoa.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Tânia Alkmin, por me ter orientado na construção deste trabalho.

À Giselle Assunção e Vera da Silva, que muito me ajudaram na coleta de dados.

À Maria do Socorro Pessoa, grande companheira de trabalho.

À minha família, que soube tolerar as longas ausências.

À UNIR e à UNICAMP, pela ousadia de ter implantado este programa, acreditando e investindo na Região Norte.

À FUNAI ADR - Porto Velho, por ter oportunizado minhas visitas ao povo Amondava e o contato com os Uru-eu-uau-uau.

Aos meus companheiros Cleide Bezerra, Luiz Brito e Beto Bertagna, por me terem apoiado com fotografias, imagens e gravações.

Ao CIMI, por me ter cedido gentilmente seus arquivos.

Agradecimentos Especiais

Aos meus professores Arikan, Vaepá, Tuavé e Irá Amondava, Puruen, Puruá e Mande'í Uru-eu-uau-uau; aos informantes Yvurapari Parintintin e Kwará Tenharim.

Ao cacique Tari Amondava, por me ter recebido com muita simpatia e gentileza em sua aldeia, ajudando-me na execução desta pesquisa.

“... As sociedades que nós podemos hoje estudar - nas condições que seria ilusório comparar àquelas que prevaleciam há quatro séculos - já não são senão corpos débeis e formas mutiladas [...] foram fulminadas por esse monstruoso e incompreensível cataclismo que construiu para uma fração tão larga e inocente da humanidade o desenvolvimento da civilização ocidental; esta faria mal em esquecer que necessita de um segundo rosto, não menos verídico e indelével que o outro”.

(Lévi-Strauss, Claude. in: *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70 LTDA, s/d, p.310)

SUMÁRIO

Resumo	07
Introdução.....	08
Capítulo I - Revisão Bibliográfica	
1. <i>O estado de arte</i> das línguas Tupi-Kawahib.....	16
Capítulo II - Análise comparativa dos sistemas fonológicos	
Parintintin/Tenharim e Uru-eu-uau-uau/Amondava.....	20
1. A fonologia Parintintin.....	20
1.1 O sistema consonantal.....	20
1.2 O sistema vocálico.....	28
2. A fonologia uru-eu-uau-uau.....	30
2.1 O sistema consonantal.....	31
2.2 O sistema vocálico.....	45
3. Comparando os sistemas fonológicos do Parintintin e do Uru-eu-uau-uau.....	49
Capítulo III - Análise comparativa do léxico Parintintin/Tenharim	
e Uru-eu-uau-uau/ Amondava	53
Considerações Finais	85
Summary	87
Referências Bibliográficas.....	88
Anexos.....	94

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo comparativo preliminar, sob o ponto de vista sincrônico, entre as línguas Tupi-Kagwahib: Parintintin (Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (Amondava). O Parintintin (Tenharim) é falado por cerca de duzentos e oitenta indígenas, localizados na região sul do estado do Amazonas. O Uru-eu-uau-uau possui cerca de 129 falantes distribuídos em cinco sub-grupos, na região central do estado de Rondônia, entre os quais figura o subgrupo Amondava.

O trabalho divide-se em três capítulos: o primeiro deles traz informações acerca da bibliografia etnográfica e lingüística disponível sobre os povos Parintintin (Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (Amondava). O segundo desenvolve uma análise comparativa entre a fonologia Parintintin (Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (Amondava). Caracteriza-se este capítulo, também, por apresentar uma descrição preliminar da fonologia Uru-eu-uau-uau.. O terceiro capítulo mostra um estudo comparativo lexical entre as línguas em questão.

Procuramos, através deste estudo, verificar se o Uru-eu-uau-uau (Amondava) e o Parintintin (Tenharim) são línguas diferentes entre si ou se são variedades de uma única língua. Com isto, esperamos contribuir para com os estudos comparativos entre as línguas da família Tupi-Guarani, bem como para com uma revisão na classificação das línguas do grupo Tupi-Kawahib.

Palavra-Chave: Línguas Tupi-Guarani; Grupo Tupi-Kawahib; Línguas Indígenas

INTRODUÇÃO

A lingüística comparativa possibilita-nos o estudo da regularidade de mudanças dos sons para classificação ou reconstrução de línguas. Sendo os seus métodos variantes dos métodos sincrônicos para estabelecer os fonemas e as análises fonêmicas e morfofonêmicas de uma língua, a lingüística comparativa é-nos útil não apenas sob o aspecto da tentativa de reconstrução de protolínguas, mas também no sentido de verificar os graus de proximidade entre as línguas. Considerando a segunda possibilidade é que propomos um estudo comparativo sincrônico preliminar entre línguas do grupo Tupi-Kawahib, família Tupi-Guarani, tronco Tupi: Parintintin (falada pelos Parintintin e Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (falada pelos Uru-eu-uau-uau e Amondava).

Este estudo tem como objetivo verificar se estas são mesmo línguas diferentes entre si ou se constituem apenas variedades de uma única língua. Além disso, esperamos contribuir para com os estudos comparativos-descritivos acerca do Parintintin e o Uru-eu-uau-uau, bem como para uma revisão na classificação interna das línguas Tupi-Kawahib.

Antes, porém, de expor os motivos que nos levaram a desenvolver este trabalho, convém apresentar algumas informações básicas sobre os falantes destas línguas.

Os Parintintin habitam ao sul do Amazonas, uma série de aldeias localizadas às margens direitas dos rios Madeira e Maici e ao norte da Transamazônica. A primeira aproximação pacífica com os Parintintin foi realizada em 1922, por Nimuendaju. A população é de cerca de 150 indígenas.

Os Tenharim foram contatados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) no início dos anos setentas, durante o traçamento da Transamazônica, numa aldeia chamada Nhande'uhu, no curso superior do rio Marmelos. Hoje, a estrada passa no

meio de sua aldeia principal. Há um outro grupo Tenharim que habita às margens do Igarapé Preto, cerca de 40 quilômetros a leste da aldeia Marmelos. Segundo Pease (1977:16), os Tenharim *“têm vivido isolados do resto da tribo há mais de cem anos”*. Entenda-se a expressão ‘resto da tribo’ como uma referência aos Parintintin. Isto significa que os Tenharim são considerados como um sub-grupo Parintintin. A população é de cerca de 130 indígenas.

Os Uru-eu-uau-uau foram contatados em 1981 por uma frente de atração da FUNAI. A princípio pensava-se que eram índios Pakaás-Novos, porém, naqueles rápidos contatos, os sertanistas perceberam que a língua falada pelos Uru-eu-uau-uau não era compreendida pelos Pakaás-Novos; quem conseguiu compreendê-los foram os Parintintin. Pôde-se observar, então, tratar-se de uma língua Tupi. Segundo um intérprete Parintintin, os Uru-eu-uau-uau se autodenominavam Cagwarip. A denominação Uru-eu-uau-uau foi-lhes dada pelos índios Pakaás-Novos e significa *“os que tocam taboca”*; constituem, atualmente, quatro pequenos grupos locais e a população total é de 62 índios. Habitam a área indígena Uru-eu-uau-uau, na região central do estado de Rondônia. Os Uru-eu-uau-uau têm uma história de contato muito recente, considerando-se a ocupação colonizadora do estado de Rondônia (1970 a 1985). Portanto, constituem ainda grupos quase que arredios e suas histórias de lutas e guerras pela posse da terra são bastante conhecidas.

Os Amondava foram contatados em 1986. São considerados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) como um subgrupo Uru-eu-uau-uau. Habitam a zona leste da área indígena Uru-eu-uau-uau, no posto indígena Trincheira. A população atual é de 65 índios. Mantêm-se relativamente isolados - inclusive dos outros grupos Uru-eu-uau-uau. É possível que este isolamento, reforçado pelos entraves de acesso, sejam de ordem física - considerada a geografia - ou de ordem administrativa - considerada a FUNAI - venha contribuindo para com que a língua esteja ainda praticamente desconhecida, não descrita, tendo-se pouquíssimo ou quase nada registrado a seu respeito.

Os Uru-eu-uau-uau e Amondava são, então, índios Tupi, aparentados dos Parintintin e Tenharim, os quais, segundo Menendez (1984: cf. MANCIN, 1984: 02), se denominam, respectivamente, Kawahiva e Kawahib.

Referências lingüísticas dos Kawahib são citadas por Curt Nimuendaju (1948: cf. MANCIN, 1984: 23), que define a língua como sendo “puro Tupi”. Outras informações sobre tais grupos Tupi-Kawahib podem ser encontradas nos relatórios das missões dirigidas por Rondon.

Lévi-Strauss, referindo-se a Curt Nimuendaju, registra:

“O termo Cavaíba invoca o nome de uma antiga tribo Tupi, os Cabaibas, que muitas vezes citara nos documentos dos séculos XVIII e XIX e localizada, nesta altura, no curso superior e médio do Tapajós. Parece que terá sido daí expulsa progressivamente por uma outra tribo Tupi, os Mundurucu, e que ao deslocar-se para oeste se tenha fragmentado em vários grupos dos quais os únicos conhecidos são os Parintintin, do curso inferior do rio Machado, e os Tupi-Cavaibas, mais ao sul”. (Lévi-Strauss, 1955: 319)

Supunha Lévi-Strauss que a história dos Tupi-Cavaibas tivesse terminado (pelo menos em relação à margem direita do rio Machado); porém, em outubro de 1938, ao chegar a Pimenta Bueno, Rondônia, teve notícias de um grupo Tupi-Cavaíba desconhecido, que havia surgido no rio três anos antes, com o qual conviveu até novembro do mesmo ano, tendo-lhe servido de guia um jovem índio, Abaitara, então residente em Pimenta Bueno.

A hipótese de que muitos grupos Tupi-Kawahib teriam se deslocado do Tapajós para o Madeira (como é o caso dos Parintintin) e outros afluentes do rio Ji-Paraná é formulada por Meirelles (1984: cf. MANCIN, 1984: 03). Ela lembra que os índios Cautário e Sotério, no século XIX, foram submetidos pelas missões e participaram da construção do Real Forte Príncipe da Beira, à margem direita do Guaporé, no período de 1776 a 1838, a mando do governo português. Segundo a autora, à medida em que as sociedades indígenas foram posteriormente sendo conhecidas, a área revelou ser um

verdadeiro conglomerado de povos Tupi, a tal ponto de o lingüista Aryon Dall'Igna Rodrigues sugerir que o centro de difusão Proto-Tupi deve ser procurado nesta região.

Segundo Cardoso (1989: 06), os Uru-eu-uau-uau são classificados lingüisticamente como um grupo Tupi-Kawahib e *"a extrema facilidade com que se comunicam com índios Parintintin e Tenharim não deixa dúvidas de que as diferenças existentes são apenas de ordem dialetal"*.

De acordo com Menendez (1982: cf. Cardoso, 1989:06), a partir da segunda metade do século XIX não se tem mais notícias dos Tupi-Kawahib nos rios Juruena e Arinos. No início deste século são localizados no rio Machado e seus afluentes das margens esquerda e direita, entre os rios Muqui e Riozinho, e no rio Branco, afluente do Roosevelt. Por sua vez, os já então denominados Parintintin ocupavam a região entre o Madeira, o Marmelos e o Machado. Assim, os antepassados dos Uru-eu-uau-uau podem ter vindo tanto do rio Machado (via Urupá e Muqui, cujas cabeceiras estão hoje dentro da área indígena Uru-eu-uau-uau) ou do rio Madeira (via Jamari, Candeias e Ji-Paraná, que nascem na mesma área).

Como se pode observar através desta breve explanação, parece-nos estar diante de um grande grupo que se fragmentou ao longo do tempo. Porém, os Parintintin, os Tenharim, os Uru-eu-uau-uau e Amondava se reconhecem e se identificam como povos diferentes entre si. Admitem a intercompreensão lingüística, mas afirmam *falarem diferente* uns dos outros, como podemos observar nos seguintes depoimentos:

"Parintintin fala muito rápido; se falar devagar eu entendo tudo, só não algumas coisas." (Puruen Amondava)

"Tenharim fala igual Parintintin, mas não é Parintintin. Também fala quase igual Uru-eu, Amondava e Karipuna, só que é um pouco diferente." (Kwará Parintintin)

"Livro de Amondava serve pra Uru-eu, mas tem que mudar umas palavras. Parece que de Tenharim também". (Boropó Uru-eu-uau-uau)

Considerando falas como as de acima e também o fato de que Uru-eu-uau-uau e Parintintin são classificadas como línguas diferentes entre si (cf. Rodrigues 1986: 39), resolvemos aprofundar-nos na questão: serão estas línguas diferentes entre si ou não?

Neste trabalho buscaremos desenvolver, então, um estudo comparativo sincrônico entre as línguas Parintintin e Uru-eu-uau-uau, considerando a seguinte problemática: o Parintintin é falado pelos índios Parintintin e Tenharim, do sul do Amazonas e o Uru-eu-uau-uau é falado pelos índios Uru-eu-uau-uau e Amondava, da região central de Rondônia; os índios Tenharim e Parintintin se auto-identificam como povos diferentes um do outro e os Uru-eu-uau-uau e Amondava, por sua vez, se auto-identificam como povos diferentes; desta forma, os Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondava se auto-identificam como povos diferentes entre si; embora se identifiquem como povos diferentes entre si, todos os quatro admitem a intercompreensão lingüística, porém, mesmo admitindo a intercompreensão lingüística, afirmam falarem línguas diferentes.

Considerando a problemática acima descrita, estaremos, de fato diante de uma língua, de duas línguas ou de variedades lingüísticas? Isto parece-nos conduzir a uma questão bastante séria: o que faz um povo assumir a língua como elemento de sua identidade étnica?

Se buscamos responder a esta questão através da Lingüística, necessariamente devemos voltar para um problema ainda não inteiramente resolvido conceitualmente: o que dá a uma língua o *status* de língua? Qual a diferença entre língua e dialeto? Reconhecemos que a situação paradoxal que envolve a problemática língua *versus* identidade étnica talvez não possa ser respondida com base em critérios puramente lingüísticos, mas com o auxílio de critérios históricos e sócio-políticos. No entanto, não entraremos aqui no mérito de tais critérios, de formas que nosso trabalho considerará apenas os aspectos lingüísticos, em campos bem delimitados.

Supondo que Parintintin e Uru-eu-uau-uau sejam variedades de uma única língua é que nos dispusemos, então, a desenvolver este estudo comparativo, em princípio apenas para verificar qual o grau de semelhanças e diferenças que tais

variedades apresentam entre si nos níveis fonológico e lexical. Para tanto, faremos uma revisão da descrição fonológica do Parintintin (entenda-se Parintintin/Tenharim) proposta por Betts e Pease (1971) e apresentaremos uma proposta de descrição fonológica para o Uru-eu-uau-uau (entenda-se Uru-eu-uau-uau/Amondava). Em seguida faremos uma comparação dos sistemas fonológicos Parintintin e Uru-eu-uau-uau para verificar se de fato temos línguas diferentes ou não. Um outro procedimento será a comparação de uma pequena lista de palavras, a fim de verificarmos o grau de semelhança lexical entre as supostas variedades lingüísticas. Dizemos supostas variedades considerando que a análise poderá levar a um resultado contrário, ou seja, é possível estarmos lidando, realmente, com línguas diferentes entre si.

Para desenvolvermos este estudo, nossa pesquisa se pautou em trabalho de campo e material bibliográfico. O trabalho de campo iniciou-se em setembro de 1994, quando fizemos uma viagem de dez dias à aldeia Amondava e realizamos sessões de elicitación e gravação com os informantes Arikã e Vaepá. Em maio de 1995, durante uma semana, realizamos sessões de elicitación e gravação da lista de Swadesh (100 palavras) com os informantes Kwará Tenharim e Yvurapari Parintintin, na Casa do Índio, em Porto Velho. Em junho de 1995, durante uma semana, trabalhamos com os informantes Arikã Amondava, Puruen e Puruá Uru-eu-uau-uau, em Porto Velho. Em dezembro de 1996, estivemos por mais dez dias na aldeia Amondava. Nesta oportunidade, aproveitamos também para gravar histórias contadas pelo cacique Tari e pelo jovem Tangip Amondava a respeito de seu povo, costumes, o contato com o não-índio, as desavenças com os Uru-eu-uau-uau, entre outras. Estas narrativas foram feitas em língua portuguesa, pois nosso objetivo era conhecer mais as histórias do grupo. Em janeiro de 1997, visitamos todas as quatro aldeias Uru-eu-uau-uau, com uma média de três dias em cada uma delas. Tivemos, oportunidade, então, de ouvir narrativas do informante Arikã Uru-eu-uau-uau, da aldeia Comandante Ari, bem como da jovem Mandeí Uru-eu-uau-uau, da aldeia Alto Jamari. Foi-nos fornecida uma fita cassete (60 minutos) com dados Amondava coletados por Emília Altini, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) de Porto Velho, gravada em 1992, com o informante Uká, na aldeia Amondava.

Todos os dados coletados foram transcritos com o auxílio do *software* Cecil 1.2. e, em seguida, organizados em cadernos. Do Amondava, temos disponíveis os seguintes questionários: a lista de 100 palavras, de Swadesh; o formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, do Museu Nacional; o questionário Monserrat et al.; um questionário lexical extensivo, adaptado a partir de Bouquiaux e Thomas (1976). Do Uru-eu-uau-uau, Tenharim e Parintintin temos a lista de 100 palavras de Swadesh.

Utilizamos, ainda, material bibliográfico disponível acerca do Uru-eu-uau-uau: formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, do Museu Nacional - coletado por Betts e Pease, em agosto de 1991. Deste trabalho, as autoras produziram '*Comments on Uru-eu-uau-uau*' (1991) em que tratam Uru-eu-uau-uau e Amondava como dialetos do grupo linguístico Tupi-Kagwahib (família Tupi-Guarani), traçando uma ligeira comparação com os dialetos Parintintin e Tenharim. Além destes, servimo-nos ainda de todo o material linguístico acerca do Parintintin (Tenharim) produzido por Betts e Pease tais como: descrição fonológica, dicionário, cartilhas e textos.

Assim, com base nestes trabalhos, desenvolvemos nossa análise, cujos resultados ora apresentamos constituindo-se em três capítulos. No primeiro deles faremos uma breve exposição do material bibliográfico disponível acerca das línguas em estudo: o Parintintin/Tenharim, o Uru-eu-uau-uau /Amondava. No segundo, buscamos verificar se estas são ou não variedades dialetais de uma mesma língua, considerando-se os respectivos sistemas fonológicos. No terceiro capítulo desenvolveremos uma breve comparação lexical, considerando uma pequena lista de vocábulos Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondava, com o objetivo de verificar o grau de semelhança lexical existente entre eles. A seguir, apresentamos mapa de localização dos grupos étnicos envolvidos neste estudo.

**MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS PARINTINTIN (TENHARIM)
E URU-EU-UAU-UAU (AMONDAVA)**



LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Este capítulo apresenta informações acerca dos estudos realizados sobre as línguas Tupi-Kagwahib: Parintintin e Uru-eu-uau-uau. Muito embora tais estudos sejam em número muito reduzido, estão aqui reunidos a fim de servirem de referência aos Capítulos II e III, deste trabalho, onde desenvolveremos um breve estudo comparativo entre estas línguas.

1. O “estado de arte” do estudo das línguas Tupi-Kagwahib

Segundo Lévi-Strauss (1955: 318), em 1915 Rondon descobriu vários agrupamentos indígenas de língua Tupi, tendo, porém, conseguido manter contato com apenas três destes grupos, dos quais o mais importante, o dos Takwatip, instalava-se no curso superior do rio Machado. Diz ainda o autor que as informações sobre os Tupi-Cavaíbas eram poucas e fragmentadas.

Nimuendaju (1925: 144) faz referências a estes três grupos, os Paranauat, os Taquatep e os Ipôt-uat, dizendo: “a autodenominação de todos estes bandos Tupi é Kawahib, o que prova serem eles, tanto como os Parintintin, os destroços da antiga tribo Cabahiba do alto Tapajós, destacada pelos Mundurucu”.

Menendez (1989) comenta que os Kawahiva fazem parte do vasto número de populações indígenas desconhecidas que se instalam ao sul do Amazonas, na área entre o Madeira e o Tapajós, todos pertencentes a esta família lingüística. Muitas destas populações somente foram contatadas nos últimos trinta anos.

Rodrigues classifica as Línguas Parintintin e Uru-eu-uau-uau como pertencentes à Família Tupi-Guarani, nos seguintes termos:

“Línguas

•Parintintin

Diahói

Juma

Parintintin (Kagwahib)

Tenharim

•Uru-eu-uau-uau”

(Rodrigues, 1984: 39)

Percebe-se que o autor classifica o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau como línguas distintas entre si, sendo o Diahói, o Juma, o Parintintin (Kagwahiv) e o Tenharim compreendidos como variedades Parintintin. Não há, entretanto, apresentação de dados que comprovem tal classificação.

Estudos lingüísticos sistematizados sobre o Parintintin foram desenvolvidos pelo Summer Institute of Linguistics em cooperação com a FUNAI e o Museu Nacional, no período de 1961 a 1975, entre um pequeno grupo às margens do rio Ipixuna. No período de 1975 a 1977, tais estudos tiveram continuidade com o grupo Tenharim, às margens do rio Marmelos.

No ano de 1976, Pease escreveu *Repetições em Tenharim (Parintintin): Narrativa*, em que trata das repetições de acontecimentos em orações independentes e subordinadas. Este artigo foi baseado em histórias escritas pela filha de um cacique Tenharim. Diz a autora existirem algumas diferenças em vocábulos e em esquemas flexionais da língua falada nos dois grupos, porém não demonstra quais são estas diferenças. Segundo Pease (1977: 16), “a língua Parintintin pertence à Família Tupi-Guarani e é falada por cerca de uns 200 indígenas, principalmente no Estado do Amazonas”.

Em 1981, Betts publicou o *Dicionário Parintintin/Português, Português/Parintintin*. Neste trabalho, Betts apresenta também um “Esboço Gramatical” do Parintintin.

Em 1971, Betts e Pease publicaram artigo *Parintintin Phonology* (in *Tupi Studies I* :1-14), com o propósito de descrever a Fonologia Parintintin, dando ênfase ao fenômeno da nasalização.

Foram, também, Betts e Pease, desenvolvendo estudos lingüísticos sobre o Parintintin/Tenharim desde o início dos anos sessentas, as responsáveis pela elaboração de cartilhas e pela alfabetização destes indígenas em língua materna.

Em 1993, o Summer Institute of Linguistics editou *Histórias Tenharim*, livro de leitura com histórias escritas por Margarida Tenharim.

Ainda a respeito do Parintintin, Vitor Hugo apresenta, no Apêndice XXXIX de *Desbravadores* (1991:355-396; 2ª ed.), um lista de vocábulos e expressões, a qual denomina *Vocabulário da Gíria Tupi-Kabwahbw-Parintintin*.

Em relação ao Uru-eu-uau-uau, o estudo mais aprofundado de que dispomos é o realizado por Betts e Pease: *Comments on Uru-eu-uau-uau* (1991). Este estudo baseou-se numa pesquisa desenvolvida na Casa do Índio, em Porto Velho, no período de 20 a 30 de agosto de 1991. As pesquisadoras tiveram como informantes o chefe Gwarimã e sua tia, Java. Em março daquele mesmo ano, elas haviam feito um levantamento lexical entre os Amondava, considerado sub-grupo

Uru-eu-uau-uau. Segundo as autoras, poucas diferenças foram notadas entre os dados Uru-eu-uau-uau e Amondava e tais diferenças não eram da língua por si, mas, sobretudo, devidas a uma escolha de expressões feitas pelos informantes.

No período de agosto de 1994 a julho de 1996, através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica CNPq/UNIR, foram desenvolvidos os Projetos: Levantamento de Dados Lingüísticos e Culturais do Povo Amondava, Estudo Preliminar do Sistema Verbal Uru-eu-uau-uau e Estudo Preliminar do Sistema Pronominal Uru-eu-uau-uau, por Giselle Assunção, Albertina Vanderley e Vera da Silva, sob nossa orientação. Estes trabalhos tiveram seus resultados apresentados nos 47º (1995) e 48º (1996) Encontros Nacionais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Também, com a ajuda de nosso informante Arikan, a pedido do grupo Amondava, em 1996 elaboramos a Cartilha Experimental Amondava, cuja proposta de escrita está sendo utilizada durante o ano de 1997, em caráter experimental, para a alfabetização em língua materna.

Em 1995, Neto e Moraes fizeram a *Descrição Fonológica Preliminar da Língua Uru-eu-uau-uau: Sub-grupo Mondava*, texto ainda não publicado.

Como se pode observar através desta breve exposição acerca do material disponível sobre as línguas Kagwahib: Parintintin/Tenharim e Uru-eu-uau-uau/Amondava, a quantidade de trabalhos realizados é, ainda, muito reduzida. Tais trabalhos, entretanto, são de importância básica para os estudos que se venham a realizar.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS PARINTINTIN (TENHARIM) E URU-EU-UAU-UAU (AMONDAVA)

Este capítulo se constitui em duas partes: na primeira delas fazemos uma breve apresentação da fonologia Parintintin (Tenharim), de acordo com o proposto por Betts e Pease (1971). Na segunda, propomos uma análise fonológica preliminar para o Uru-eu-uau-uau (Amondava) e, em seguida, traçamos uma comparação entre os dois sistemas fonológicos: o Parintintin (Tenharim) e o Uru-eu-uau-uau (Amondava).

1. A Fonologia Parintintin (Tenharim)

1.1 O sistema consonantal

De acordo com Betts e Pease (1971: 01), o sistema consonantal do Parintintin consiste de quatorze fonemas que contrastam em seus pontos e modos de articulação conforme o seguinte quadro:

	Bilabial	Alveolar	Alveo-Palatal	Velar	Lábio-Velar	Glotal
Oclusivas	p	t	tʃ	k	k ^w	ʔ
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	ŋ ^w	
Fricativas	v					h
Flap		ɾ				

Quanto às **realizações fonéticas** destes fonemas, tem-se que:

a) Os **oclusivos** / p t tʃ k kʷ ʔ / são surdos e não-aspirados e não apresentam variações, exceto a palatalização do velar. Como exemplos dos oclusivos, são apresentadas as seguintes palavras:

- (1) / p / → [p] / pira / [pi'ra] 'peixe'
 (2) / t / → [t] / tata / [ta'ta] 'fogo'
 (3) / tʃ / → [tʃ] / tʃãʔã / [tʃãʔ'ã] 'certo'
 (4) / k / → [k] / kaʔa / [ka'ʔa] 'folha, mato'
 → [k] ~ [kʲ]¹ / i ___ / / ikatu / [ikatu] ~ [ikʲa'tu] 'é bonito'
 (5) / kʷ / → [kʷ] / kʷara / [kʷa'ra] 'sol'
 (6) / ʔ / → [ʔ] / aʔa / [a'ʔa] 'eu caio'

b) Para a série dos nasais / m n ɲ ŋ ŋʷ / são apresentados os seguintes exemplos:

- (7) / m / / mǎhǎ / [mǎ' h ǎ] 'onde está?'
 (8) / n / / nǎhǎ / [nǎ' h ǎ] 'assim'
 (9) / ɲ / / ɲǎne / [ɲǎ' n de] 'você'
 (10) / ŋ / / ŋǎhǎ / [ŋǎ' h ǎ] 'eles'
 (11) / ŋʷ / / ŋʷǎʔǎ / [ŋʷǎ' ʔ ǎ] 'ele brinca'

A série dos nasais apresenta as seguintes variações:

b.1. o fonema /m/ possui dois alofones: [m] e [mb], com a seguinte distribuição:

[m]	[mb]
a) / # ___ Ǟ	a) / # ___ V
b) / Ǟ ___ Ǟ	b) / Ǟ ___ V

¹ Pode ocorrer palatalização de / k / quando precedido de uma vogal anterior alta

Assim, podemos dizer que o fonema / m / se realiza:

- em contexto inicial: / m / → [m] / # __ $\tilde{V}$
→ [mb] / # __ V
- em contexto medial : / m / → [m] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$
→ [mb] / $\tilde{V}$ __ V

Exemplos:

- (12) /mãhã / [mã'hã] 'onde está?'
- (13) /marakaʔpa / [mbarakaʔ'dʒa] 'gato do mato'
- (14) /tupahãmã / [tupa'hãmõ] 'corda'
- (15) /õmoapi / [õmboa'pi] 'ele cozinha'

Aqui deve-se registrar que Betts e Pease, em sua análise, não descrevem a realização fonética do fonema /m/ em ambiente intervocálico oral; porém, na seção dedicada ao tratamento da nasalização elas explicam que, neste contexto, só ocorrem alofones de fonemas nasais que tenham formas alofônicas inteiramente orais. Neste caso encontram-se os alofones orais dos fonemas /p/, /ŋ/ e /ŋ^w/, respectivamente [dʒ] [g] e [g^w]. Isto significa dizer que os fonemas /m/, /n/ e seus alofones, em contexto medial, ocorrem sempre em ambiente de nasalidade.

b.2. o fonema / n / possui dois alofones: [n] e [ⁿd], com a seguinte distribuição:

[n]	[ⁿ d]
a) / # __ $\tilde{V}$	a) / # __ V
b) / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$	b) / $\tilde{V}$ __ V

Assim, o fonema / n / se realiza:

- em contexto inicial: / n / → [n] / # __ $\tilde{V}$
→ [nd] / # __ V

- em contexto medial : / n / → [n] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$
 → [nd] / $\tilde{V}$ __V

Exemplos:

- (16) / nã'hã / [nã' hã] 'assim'
 (17) / nehe / [ne' he] ~ [ⁿde'he] 'você'
 (18) / mōnō / [mō' nō] 'morrer'
 (19) / jãnu / [jã' ⁿdu] 'aranha'

b.3. o fonema / j / possui cinco alofones: [j], [dʒ], [ⁿdʒ], [j̃] e [j̃̃], com a seguinte distribuição:

[j]	[dʒ]	[ⁿ dʒ]	[j̃]	[j̃̃]
a) / # __ $\tilde{V}$	a) / # __ V			
b) / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$	b) / V__ V	a) / $\tilde{V}$ __ V	a) / V__ V sílaba átona	a) / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ sílaba átona

Então, o fonema / j / se realiza:

- em contexto inicial : / j / → [j] / # __ $\tilde{V}$
 → [dʒ] / # __ V
 - em contexto medial : / j / → [j] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$
 → [ⁿdʒ] / $\tilde{V}$ __ V
 → [dʒ] / V__ V

Exemplos:

- (20) / jãnu / [jã' ⁿdu] 'aranha'
 (21) / jihi / [dʒi' hi] 'eu'

(22) /kũpã / [kũ'pã] 'mulher'

(23) /otĩpipe / [otĩ'dzi'pe] 'ele amarra rápido'

Há variação livre nos seguintes casos:

• /ɲ / → [ɲ] ~ [j] / V __ V em sílabas não acentuadas

(24) /mõkõpãteʔi / [mõkõpãte'ʔi] ~ [mõkõjãte'ʔi] 'um pouco'

• /ɲ / → [dʒ] ~ [j] / V __ V em sílabas não acentuadas

(25) /muɲuhu / [mbudʒu'hu] ~ [mbuju'hu] 'sapo'

b.4. o fonema /ɲ / tem quatro alofones: [ɲ], [g], [ɲg] e [ɲʲ], com a seguinte distribuição:

[ɲ]	[g]	[ɲg]	[ɲʲ]
a) / # __ ẽ	a) / # __ V		a) / i __
b) / ẽ __ ẽ	b) / V __ V	a) / ẽ __ V	

Assim, o fonema /ɲ / se realiza:

- em contexto inicial: /ɲ / → [ɲ] / # __ ẽ

→ [g] / # __ V

- em contexto medial : /ɲ / → [ɲ] / ẽ __ ẽ

→ [g] / V __ V

→ [ɲg] / ẽ __ V

→ [ɲʲ] / i __

Exemplos:

(26) /ɲãhã / [ɲã'hã] 'eles'

(27) /ɲa / [ga] 'ele'

(28) / ðmðŋita / [ðmðŋĩ'ta] '*ele conversa*'

(29) / iʔaŋahi / [iʔaga'hi] '*isto fede*'

(30) / ðŋa / [ð 'ŋga] '*casa*'

(31) / akitiʔŋo / [akitiʔ'ŋ'o] '*eu ensabão*'

b.5. o fonema / ŋ^w/ possui três alofones: [ŋ^w], [g^w], [ŋg^w], com a seguinte distribuição:

[ŋ ^w]	[g ^w]	[ŋg ^w]
a) / # __ $\tilde{V}$	a) / # __ V	
b) / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$	b) / V __ V	a) / $\tilde{V}$ __ V

Assim, podemos dizer que o fonema / ŋ^w / se realiza:

- em contexto inicial: / ŋ^w / → [ŋ^w] / # __ $\tilde{V}$

→ [g^w] / # __ V

- em contexto medial: / ŋ^w / → [ŋ^w] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$

→ [ŋg^w] / $\tilde{V}$ __ V

→ [g^w] / V __ V

Exemplos:

(32) / ŋ^wãʔã / [ŋ^wã'ʔã] '*ele brinca*'

(33) / ŋ^wi raʔi / [g^wira'ʔi] '*pássaro*'

(34) / kãŋ^wi / [kã'ŋ^wi] '*café*'

(35) / jũŋ^wava / [jũ' ŋg^waβə] '*capim*'

(36) / jaŋ^wara / [dʒa'g^warə]

c) O fricativo /v/ não apresenta alofones:²

- /v/ → [v]

(37) /ɲũŋg^wava/ [ɲũ^hŋg^waβə] 'capim'

d) O fricativo /h/ tem dois alofones: [h] e [h^j] com a seguinte distribuição::

- /h/ → [h] ~ [h^j] / i __ /

(38) /õmoɲih^jeʔa/ [õmbodʒi^hheʔə] ~ [õmbodʒi^{h^j}eʔə] 'ele mistura'

- /h/ → [h] nos demais ambientes

e) O flap /ɾ/ é alveolar e não tem alofones:.

- /ɾ/ → [ɾ]

(39) /rãɲiʔi/ [rãɲi^hʔi] 'tempos atrás'

Com base nestas informações, podemos resumir a distribuição dos fonemas consonantais do Parintintin nos seguintes quadros:

Série dos oclusivos:

/p/ → [p]	/t/ → [t]	/tʃ/ → [tʃ]
/k/ → [k] ~ [k ^j] / i __ → [k] n.d.a.	/k ^w / → [k ^w]	/ʔ/ → [ʔ]

Série dos fricativos e flap

/v/ → [v]	/h/ → [h] ~ [h ^j] / __ i → [h] n.d.a.	/ɾ/ → [ɾ]
-----------	--	-----------

² Embora Betts e Pease afirmem que /v/ não tem alofones, em nenhum de seus dados encontramos a escrita fonética [v], mas sim [β].

Série dos nasais:

$/m/ \rightarrow [m] / \#_ \tilde{V}$ $/ \tilde{V}_ \tilde{V}$ $\rightarrow [mb] / \#_ V$ $/ \tilde{V}_ V$	$//n/ \rightarrow [n] / \#_ \tilde{V}$ $/ \tilde{V}_ \tilde{V}$ $\rightarrow [{}^nd] / \#_ V$ $/ \tilde{V}_ V$	$/ɲ/ \rightarrow [ɲ] / \#_ \tilde{V}$ $/ \tilde{V}_ \tilde{V}$ $\rightarrow [dʒ] / \#_ V$ $\rightarrow [{}^ndʒ] / \tilde{V}_ V$ $\rightarrow [dʒ] \sim [j] / V_ V$ em sílaba átona $\rightarrow [ɲ] \sim [j] / \tilde{V}_ \tilde{V}$ em sílaba átona
$/ŋ/ \rightarrow [ŋ] / \#_ \tilde{V}$ $/ \tilde{V}_ \tilde{V}$ $\rightarrow [g] / \#_ V$ $/ V_ V$ $\rightarrow [ŋg] / \tilde{V}_ V$ $\rightarrow [ŋ^j] / i_$	$/ŋ^w/ \rightarrow [ŋ^w] / \#_ \tilde{V}$ $/ \tilde{V}_ \tilde{V}$ $\rightarrow [g^w] / \#_ V$ $/ V_ V$ $\rightarrow [ŋg^w] / \tilde{V}_ V$	

1.2 O sistema vocálico

Betts e Pease estabelecem que o sistema vocálico Parintintin consiste de doze fonemas, contrastantes em relação à qualidade oral e nasal, à posição e à altura da língua:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
altas	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
baixas	e	ẽ	a	ã	o	õ

O contraste entre as séries de vogais orais e nasais é demonstrado através dos seguintes exemplos:

Orais	Nasais
(40) / i / - / ãmõmi / 'ele pára'	(46) / ĩ / - / ãmĩ / 'ele esconde'
(41) / e / - / ãmõme / 'ele faz bolo'	(47) / ẽ / - / ohẽ / 'ele deixa'
(42) / i / - / ãmõmi / 'ele segura'	(48) / ĩ / - / otĩ / 'ele planta'
(43) / a / - / ãmõma / 'ele mata muito'	(49) / ã / - / ãmã / 'ele agarra'
(44) / o / - / ãmõmo / 'ele lança'	(50) / õ / - / ãmõ / 'ele pára'
(45) / u / - / ãmõmu / 'ele penetra'	(51) / ũ / - / ãmũ / 'ele cospe'

O contraste entre vogais orais e nasais é demonstrado por:

Orais	Nasais
(52) / i / - / opi / 'ele pára'	(58) / ĩ / - / opĩ / 'ele corta rente'
(53) / e / - / ahe / 'pessoa, gente'	(59) / ẽ / - / ahẽ / 'eu moro'
(54) / i / - / otĩ / 'ele pega'	(60) / ĩ / - / otĩ / 'ele planta'
(55) / a / - / oka / 'ele quebra'	(61) / ã / - / ikã / 'ele é forte'
(56) / o / - / opehe?o / 'ele chora'	(62) / õ / - / opehe?õ / 'ele parte ao meio'
(57) / u / - / akutu / 'eu furo'	(63) / ũ / - / ahẽtũ / 'eu cheiro'

A respeito das variações dos fonemas vocálicos, Betts e Pease explicam:

*“As vogais anteriores e posteriores baixas variam, em relação à altura da língua, de médias-abertas [ɛ ɔ] para médias-fechadas [e o] ; a variante anterior meio-fechada é ouvida somente se imediatamente precedendo uma vogal anterior alta. A variante posterior meio-fechada tende a ocorrer mais frequentemente ente as nasais bilabial e alveolar. A vogal central baixa é normalmente baixa e aberta e as vogais altas são sempre muito fechadas. Todas as vogais têm variantes surdas que podem ocorrer no final de uma sentença fonológica. As vogais /a/ e /ã/ têm formas variantes com articulação geralmente relaxada e lenta, na qual a língua fica na posição médio-central. Estas variantes nunca são tônicas”.
(Betts e Pease, 1971:4)*

Com base no acima disposto, é possível, também, resumirmos em um quadro, a distribuição das vogais do Parintintin:

Orais	Nasais
/a/ → [ə] / __# em sílaba átona → [a] n.d.a.	/ã/ → [õ] / __# em sílaba átona → [ã] n.d.a.
/e/ → [e] / __i] → [ɛ] n.d.a.	/ẽ/ → [ẽ]
/i/ → [i]	/ĩ/ → [ĩ]
/o/ → [o] / m__n → [ɔ] n.d.a.	/õ/ → [õ]
/i/ → [i]	/ĩ/ → [ĩ]
/u/ → [u]	/ũ/ → [ũ]

Assim, apresentamos o sistema fonológico Parintintin, em termos de fonemas vocálicos e consonantais. Convém lembrar que a análise aqui apresentada, é a proposta por Betts e Pease (1971). Devido às limitações deste trabalho, não abordamos outros traços segmentais, como a sílaba e a propagação da nasalidade, visto que, principalmente este último fator, por ser de grande complexidade - vide, por exemplo, a distribuição dos fonemas nasais e seus alofones - merece um estudo à parte.

A seguir, fazemos uma proposta de análise fonológica para o Uru-eu-uau-uau, a fim de traçarmos uma comparação entre os fonemas do Parintintin e Uru-eu-uau-uau.

2. A fonologia Uru-eu-uau-uau

Nesta seção apresentamos uma proposta de análise fonológica para o Uru-eu-uau-uau. A análise está baseada em dados que coletamos principalmente junto aos Amondava, sub-grupo Uru-eu-uau-uau, quando utilizamos listas e questionários comuns às pesquisas nesta área, os quais já citamos anteriormente. O corpus disponível consta de itens lexicais e sentenças de tipologia variada.

O modelo utilizado na análise dos dados é o fonêmico, de Pike (1971), por ser um modelo que se tem mostrado eficaz no trato com línguas ainda não descritas, como o Uru-eu-uau-uau. Nossa escolha por este modelo também se justifica pelo fato de que tínhamos a intenção de oferecer às comunidades Uru-eu-uau-uau, como um retorno de nosso trabalho, uma cartilha de alfabetização em língua materna, o que era uma ansiedade daqueles indígenas. Além disso, pensamos que esta descrição, embora preliminar, possa servir de apoio a estudos posteriores que possam vir a ser desenvolvidos por outros pesquisadores, mesmo que sejam utilizados modelos teóricos diferenciados. Para a transcrição dos dados, utilizamos os símbolos do IPA.

Assim, o que aqui propomos é simplesmente a apresentação do inventário de fonemas consonantais e vocálicos, bem como sua distribuição, no Uru-eu-uau-uau.

2.1 O sistema consonantal

Apresentamos, agora, o **quadro fonético de consoantes do Uru-eu-uau-uau**, de acordo com os dados por nós levantados:

	Bilabial	Alveolar	Palato-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivo	p b	t d			k g	ʔ
Oclusivo labial.					k ^w g ^w	
Oclusivo palatal.					k ^j	
Oclusivo pré-nasal.	mb	ⁿ d			ŋg	
Oclusivo labial. pré-nasal.					ŋg ^w	
Oclusivo pós-nasal.	bm	d ⁿ				
Nasal	m	n		ɲ	ŋ	
Nasal labial.					ŋ ^w	
Tepe		r				
Fricativo	β					h
Africado			tʃ dʒ			
Aproximante	w			j		

Para a análise destes fones, identificamos e caracterizamos os fonemas, considerando sua distribuição, através dos critérios de oposição, contraste, complementaridade e variação livre. Assim, foram analisados os seguintes grupos:

a) [p b mb m mb]

Estes sons foram contrastados entre si e conclui-se que se reduzem a dois fonemas: / p / e / m /.

- Contrastam-se / p / e / m / através de:

(64) / ipira / [i'pirə] 'pele dele'

(65) / ĩmira / [ĩ'mbirə] 'embira (fibra vegetal)'

a.1 O fonema / p / ocorre diante de qualquer vogal

• / p / → [p]

(66) / epiek / [e'pjek] 'ver'

(67) / pira / [pi'ra] 'peixe'

(68) / parānā / [parā 'nā] 'rio'

(69) / ahepia / [ae'piə] 'pé'

(70) / ahepoa / [ae'poə] 'dedo da mão'

(71) / pukurehu / [pukure'u] 'cumprido'

(72) / ahepira / [ae'pirə] 'pele'

(73) / napea / [dʒa'pɛə] 'casca de árvore'

(74) / pehea / [pɛ' hɛə] 'caminho'

(75) / ahepōpea / [aepō'pɛə] 'unha'

(76) / pĩnaβa / [pi'mdaβa] 'palmeira'

(77) / pāŋā / [pā 'ŋā] 'todos'

(78) / apōn / [a'pōn] 'eu pulo'

(79) / epi / [ɛ'pi] 'cubra!'

a.2 O fonema / m / tem quatro alofones: [b], [m], [mb] e [bm], com a seguinte distribuição:

[b]	[m]	[mb]	[bm]
a) / # __ V	a) / # __ V	a) / # __ V	
	b) / # __ Ṽ		
	c) / Ṽ __ Ṽ	b) / Ṽ __ V	
	d) / __ #		a) / __ #

Assim, o fonema / m / se realiza:

- em contexto inicial: / m / → [m] / # __ Ṽ

→ [m] ~ [b] ~ [mb] ~ / # __ V

- em contexto medial: / m / → [m] / Ṽ __ Ṽ

→ [mb] / Ṽ __ V

- em contexto final: / m / → [m] ~ [bm] / __ # /

Exemplos:

(80) / mãneʔi / [mãⁿde'ʔi] 'Mandei' (nome próprio feminino)

(81) / mômẽ / [mō'mẽ] 'onde?'

(82) / miara / [mia'ra] ~ [mbia'ra] ~ [bia'ra] 'carne'

(83) / ãmũĩ / [ã'mũĩ] 'homem idoso, avô'

(84) / inãmua / [inãm'buə] 'inambu'

(85) / ɲākĩmã'hĩm / [ɲākĩmã'hĩm] ~ [ɲākĩmã'hibm] 'molhado'

b) [t tʃ d n ⁿd dⁿ]

Deste grupo, sistematizam-se os fonemas [t], [tʃ] e [n].

b.1 A oposição entre / t / e / n / pode ser verificada considerando-se as posposições verbais / te / e / ne /, respectivamente intensificador e segunda pessoa do singular:

(86) / eʔu te / [e'ʔu'te] 'coma muito'

(87) / eʔune / [e' ʔu' n̄de] 'coma!'

ou ainda através da oposição:

(88) / ɲ^wētu / [ɲ^wē'tu] 'cheirar'

(89) / ɲ^wēnu / [ɲ^wē' n̄du] 'ouvir'

b.2 O fonema / t / tem as seguintes realizações:

• / t / → [tʃ] / ____ i /

(90) / itĩñãhĩm / [itʃĩñã'hĩm] 'limpo'

• / t / → [t] n.d.a

(91) / tata / [ta'ta] 'fogo'

(92) / pite / [pi'te] 'chupar'

(93) / itoβia / [itə'βiə] 'facão'

(94) / ipotira / [ipo'tirə] 'flor'

(95) / mutuka / [mu'tukə] 'mutuca'

(96) / tik^wera / [ti'k^werə] 'caldo'

(97) / iβitera / [iβi'terə] 'montanha'

(98) / tuihua / [tuj' uə] 'bêlis'

(99) / aheretĩmākāñǎ / [aeretĩmākāñǎ] 'perna'

(100) / apitěn / [api'těn] 'eu beijo'

(101) / tāmāñjã / [tāmā'ñjã] 'assobiar'

(102) / ipitũñã / [ipi'tuna] 'noite, escuro'

(103) / ahetomea / [aeto'mbɛə] 'lombo'

b.3 O fonema /tʃ/ não apresenta alofones:³

/tʃ/ → [tʃ]

(104) /tʃaβae/ [[tʃaβa'e] 'velho'

(105) /tʃuĩte/ [tʃuĩ'te] 'muito pequeno'

(106) /pĩrutʃãñãhĩm/ [pĩrutʃãñã'hĩm] 'frio'

b.4 O fonema /n/ tem quatro alofones: [d] [n] [ⁿd] e [dⁿ], com a seguinte distribuição:

[d]	[n]	[ⁿd]	[dⁿ]
	a) / # __ Ṽ		
a) / # __ V	b) / # __ V	a) / # __ V	
	c) / Ṽ __ Ṽ	b) / Ṽ __ V	
	d) / __ #		a) / __ #

Então, o fonema /n/ se realiza:

- em contexto inicial: /n/ → [n] / # __ Ṽ

→ [d] ~ [n] ~ [ⁿd] ~ / # __ V

- em contexto medial: /n/ → [ⁿd] / Ṽ __ V

→ [n] / Ṽ __ Ṽ

- em contexto final: /n/ → [n] ~ [dⁿ] / __ #

Exemplos:

(107) /nãhã/ [nã'hã] 'assim'

(108) /ne/ [ⁿde] ~ [ne] ~ [de] 'tu, você'

(109) /ãníra/ [ãⁿdĩ'ra] 'morcego'

³ Só encontramos o fonema /tʃ/ antes de /a/, /u/, /ã/e/u/

- (110) / parãñã/ [parã 'nã] 'rio'
 (111) / âmãñã/ [â'mãnõ] 'chuva'
 (112) / aheapĩñã / [aea'pĩñõ] 'cabeça de gente'
 (113) / apõn / [apõn] ~ [apõd^{na}]

c) $[k \ g \ \eta \ k^w \ \eta^w \ \eta g^w]$

Deste grupo, sistematizam-se $k // k^w / \eta / e / \eta^w$ ⁴

A oposição entre eles pode ser verificada através dos seguintes exemplos:

- (114) /k/ /kaha/ [ka'ha] ~ [ga'ha] 'ele'
 (115) /ŋ/ /ŋāhā/ [ŋā'hā] 'eles'
 (116) /k^w/ /k^waha/ [k^wa'ha] 'saber'
 (117) /ŋ^w/ /ŋ^wara/ [g^wara] 'coxa'

c.1 O fonema /k/ tem três alofones: [k], [q], e [kʰ], com a seguinte distribuição:

[k]	[g]	[kʲ]
a) / # __ a	a) / # __ a	
b) / i __ em sílaba tônica		a) / i __ em sílaba tônica
c) / V __ a	b) / V __ a	

Então, o fonema / k / se realiza:

- em contexto inicial: /k/ → [k] ~ [g] / # __ a /

→ [k] n.d.a.

5. Vale registrar que estes fonemas aconteceram em número reduzidos de casos, sendo a maior parte antes de [a]. Este fato também foi observado por Netto e Moraes (1985)

- em contexto medial : / k / → [k] ~ [g] / V __ a /

→ [k^j] ~ [k] / i __ / em sílaba tônica

→ [k] n.d.a.

Exemplos:

(118) / kaha / [ka'ha] ~ [ga'ha] 'ele'

(119) / kurukaβera / [kuruka'βerə] 'urina'

(120) / kūñā / [kū'ñā] 'mulher'

(121) / kopea / [kɔ'pɛə] 'roça'

(122) / kí'ia / [ki'ia] 'faca'

(123) / kāñ^wia / [kā'ñ^wia] 'café'

(124) / ikaβa / [i'k^jaβə] ~ [i'kaβə] 'gordura'

(125) / ikatu / [i'k^jatu] ~ [i'katu] 'bonito'

(126) / iβaka / [i'βakə] ~ [i'βagə] 'nuvem'

(127) / ahepokotoʔũmã / [aepokotə' ʔũmã] 'cérebro'

(128) / ahekoroʔã / [aekoro' ʔã] 'garganta'

(129) / ahekōa / [ae' kōə] 'língua'

(130) / ahekāmã / [ae' kāmã] 'seio'

(131) / ekiti / [eki' tʃi] 'corte!'

(132) / dʒakira / [dʒa' kirə] 'verde, não maduro'

c.2. O fonema / ŋ / possui três alofones: [ŋ] [g] e [ŋg] com a seguinte distribuição:

[ŋ]	[g]	[ŋg]
a) / # __ Ṽ		
b) / # __ V	a) / # __ V	
c) / Ṽ __ Ṽ	b) / V __ V	a) / Ṽ __ V

Desta forma, o fonema / η / se realiza:

- em contexto inicial: $/ \eta / \rightarrow [\eta] / \# \tilde{V}$

$$\rightarrow [g] \sim [\eta] / \# \quad v$$

- em contexto medial : $/ \eta / \rightarrow [\eta] \quad / \tilde{V} \quad \tilde{V}$

$$\rightarrow [\eta g] / \tilde{V} \quad V$$
$$\rightarrow [g] \quad /V \quad V$$

Exemplos:

(133) / nẽhii / [nẽ' hi] 'vomitar'

(134) / ṇāhā / [ṇā'hā] 'eles'

(135) / ɲara / [ɲa'ra] ~ [ga'ra] 'o quê?'

(136) / aheakãŋã / [aea' kãŋẽ] 'osso'

(137) / mōŋeta / [mōŋge' ta] 'Mongetá' (nome próprio masculino)

(138) / tupãnãŋa / [tupãnã'ŋga] 'deus'

(139) /iŋara/ [i' gaɾə] 'canoe'

c.3. O fonema / k^w/ não apresenta alofones:

$$/ \mathbf{k}^w / \rightarrow [\mathbf{k}^w]$$

(140) /k^wa^ha/ [k^wa^hha] 'saber'

(141) /k^wara/ [k^wa¹ra] 'buraco'

(142) / tak^wara / [ta'k^warə] 'flecha'

c.4. O fonema / ŋ^w/ possui três alofones: [ŋ^w], [g^w] e [ŋg^w], com a seguinte distribuição:

[ɲ ^w]	[g ^w]	[ɲg ^w]
a) / # __ $\tilde{V}$		
b) / # __ V	a) / # __ V	
c) / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$	b) / V __ V	a) / $\tilde{V}$ __ V

Assim, o fonema / ɲ^w / se realiza:

- em contexto inicial: / ɲ^w / → [ɲ^w] / # __ $\tilde{V}$

→ [ɲ^w] ~ [g^w] / # __ V

- em contexto medial : / ɲ^w / → [ɲ^w] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$

→ [g^w] / V __ V

→ [ɲg^w] / $\tilde{V}$ __ V

Exemplos:

(143) / ɲ^wẽnu / [ɲ^wẽ^hnu] 'escutar'

(144) / ɲ^wajβi / [ɲ^wajβi] ~ [g^wajβi] 'velho'

(145) / ɲaɲ^wara / [dʒa'g^warə] 'onça, cachorro'

(146) / kãɲ^wia / [kãɲ^wiə] 'café'

(147) / kũɲã^wera / [kũɲã^hɲg^wɛrə] 'mulheres'

d. [w β]

Deste grupo, comparadas as ocorrências, elegeu-se o fonema / β /, que tem dois alofones: [β] e [w] com a seguinte distribuição:

[β]	[w]
a) / # __	a) / # __
b) / V __ V	b) / V __ V

Então, o fonema / β / se realiza:

- em contexto inicial : / β / $\rightarrow$ [β] ~ [w] / # ____

- em contexto medial : / β / $\rightarrow$ [β] ~ [w] entre vogais orais e/ou nasais

Exemplos:

(148) / β iraʔia / [wiraʔ'ia] ~ [β iraʔ'ia] '*passarinho*'

(149) / β etim / [β e'tĩm] ~ [we'tĩm] '*enterrar*'

(150) / β u β ehe / [β u β e'he] ~ [wuwe'he] '*peguiçoso*'

(151) / β ahaja / [β a'hajə] ~ [wa'hajə] '*rabo*'

(152) / i β a β a / [iwa'wa] ~ [i β a' β a] '*cabaça, cuia*'

(153) / i' β a / [i'wa] ~ [i' β a] '*árvore*'

(154) / β a β ã / [β a' β ã] ~ [wa'wã] '*brigar*'

(155) / a β erãm / [a β e'rãm] ~ [awe'rãm] '*raio*'

(156) / a β atia / [a β a'tʃiə] ~ [awa'tʃiə] '*milho*'

e. [h ?]

Estes fones foram contrastados considerando-se :

(157) / ahe / [a'he] ~ [a'e] '*gente, pessoa*'

(158) / aʔe / [a'ʔe] '*eu digo*'

e.1 O oclusivo glotal / ʔ / não apresenta alofones; geralmente, ocorre no interior da palavra, como primeiro elemento de uma sílaba, mas pode ocorrer também em final de sílaba. Em nossos dados não há nenhuma informação de ocorrência deste fonema em início ou final de palavra. Então, / ʔ / $\rightarrow$ [ʔ]

Exemplos:

- (159) / epoʔo / [epɔʔɔ] ‘*arranque*’
 (160) / ʔmoʔe / [ʔmboʔɛ] ‘*ensinar*’
 (161) / ahekoʔʔ / [ækoʔʔ] ‘*garganta*’
 (162) / aheʔaβa / [æʔaβə] ‘*cabelo*’
 (163) / ahepi ʔa / [æpiʔa] ‘*fígado*’
 (164) / tʃuʔi / [tʃuʔi] ‘*pequeno*’
 (165) / βiʔ i / [βiʔ i] ‘*sangue*’
 (166) / aheʔo / [æʔɔ] ‘*corpo*’
 (167) / ɲ uʔhua / [dʒuʔuə] ‘*carvão*’
 (168) / eʔhui / [eʔuj] ‘*muito, tudo*’

e.2 O fricativo glotal / **h** / tem dois alofones: [**h**] e [**ø**] distribuídos da seguinte maneira:

/ **h** / → [**h**] ~ [**ø**] em contexto intervocálico oral ou nasal ⁵

→ [**h**] n. d. a.

Exemplos:

- (169) / iɲuβahim / [idʒuβaʔhĩm] ~ [idʒuβaʔĩm] ‘*branco*’
 (170) / peʔhea / [peʔheə] ~ [ʔpeə] ‘*caminho*’
 (171) / haʔo / [haʔɔ] ‘*carne*’
 (172) / ɲahia / [dʒaʔhiə] ~ [dʒaʔiə] ‘*lua*’
 (173) / iɲaruhua / [iɲaruʔhua] ~ [iɲaruʔua] ‘*barco*’
 (174) / ɲiβeʔahĩm / [dʒiβeʔaʔhĩm] ~ [dʒiβeʔaʔim] ‘*sedento*’
 (175) / ipohii / [ipoʔhi] ~ [ipoʔij] ‘*pesado*’
 (176) / haβaɲaβahĩm / [haβaɲaβaʔhĩm] ~ [haβaɲaβaʔim] ‘*cheio*’

⁵A realização fonética do fricativo glotal poderia ter sido suprimida, em quase todos os dados, sem qualquer estranhamento por parte dos falantes

(177) / hak^wãn / [ha'k^wãn] 'bater'

(178) / hak^wãm / [ha'k^wãm] 'passar'

f. [β h]

Os fricativos podem ser contrastados entre si pela seguinte oposição:

(179) / iβia / [i'βiə] 'terra'

(180) / ihia / [i'hie] 'água'

g. [dʒ j ɲ]

Deste grupo, contrastados os fones entre si, estabelece-se o fonema / ɲ / com cinco alofones: [ɲ], [j], [dʒ], [j] e [ⁿdʒ], que se distribuem de acordo com o quadro abaixo:

[ɲ]	[ⁿ dʒ]	[dʒ]	[j]	[j]
a) / # __ ẽ				a) / # __ ẽ
b) / # __ V		a) / # __ V	a) / # __ V	
c) / ẽ __ ẽ	a) / ẽ __ V	b) / V __ V	b) / V __ V	b) / ẽ __ ẽ

Assim, o fonema / ɲ / se realiza:

- em contexto inicial : / ɲ / → [ɲ] ~ [dʒ] ~ [j] / # __ V

→ [ɲ] ~ [j̃] / # __ ẽ

- em contexto medial : /ɲ/ → [ɲ] ~ [ɲ̃] / Ǟ __ Ǟ
 → [ɲ] ~ [ᵐdʒ] / Ǟ __ V
 → [dʒ] ~ [j] / V __ V

Exemplos:

- (181) /ɲaŋʷara/ [dʒa'gʷarə] ~ [ja'gʷarə] ~ [ɲa'gʷarə] 'onça, cachorro'
 (182) /ɲ āhā/ [ɲā'hā] ~ [jā'hā] 'castanha'
 (183) /kū ɲ ā/ [kū'ɲā] ~ [kū'jā] 'mulher'
 (184) /māpioʔka/ [māpi'ʔəkə] ~ [māᵐdʒ i'ʔəkə] 'mandioca'
 (185) /aɲuka/ [adʒu'ka] ~ [aju'ka] 'eu mato'

h. [ɾ n]

Pode-se contrastar os fonemas /ɾ/ e /n/ considerando-se:

- (186) /a hepira/ [aɛ'pirə] 'pele de gente'
 (187) /aheapĩñ/ [aɛa'pĩñ] 'cabeça de gente'

h.1 O tepe alveolar sonoro /ɾ/ não apresenta alofonia. Ocorre apenas em contextos mediais, não tendo sido encontrado em início ou final de palavra. Então, o fonema /ɾ/ se realiza sempre como [ɾ], em contexto intervocálico

/ɾ/ → [ɾ] em contexto intervocálico oral ou nasal

Exemplos:

- (188) /aherakʷara/ [aɛra'kʷarə] 'olho de gente'
 (189) /ipotira/ [ipo'tirə] 'flor'
 (200) /aherera/ [aɛe'rerə] 'nome' (de pessoa)
 (201) /itirua/ [iti'ruə] 'bexiga'
 (202) /taira/ [ta'irə] 'criança'
 (203) /tiara/ [ti'arə] 'fome'
 (204) /ipukurehu/ [ipukure'u] 'longo, comprido'

- (205) /koroite/ [kɔ'rɔjɛ] 'hoje, agora'
 (206) /eβire/ [e'βire] 'atrás'
 (207) /marã/ [ma'rã] 'como?'
 (208) /akuru/ [aku'ru] 'eu urino'
 (209) /perotuβi/ [peɾɔ'tuβi] 'aquele lá'
 (210) /k^wapira/ [k^wa'pirə] 'calção'

O quadro abaixo dispõe um resumo da distribuição dos fonemas consonantais do Uru-eu-uau-uau:

Série dos oclusivos e nasais

/p/ → [p]	/m/ → [m] / # __ $\tilde{V}$ → [b] ~ [mb] ~ [m] / # __ V → [m] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ → [mb] / $\tilde{V}$ __ V → [m] ~ [bm] / # /
/t/ → [tʃ] / __ i / → [t] n.d.a.	/n/ → [n] / # __ $\tilde{V}$ → [n] ~ [nd] ~ [n] / # __ V → [n] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ → [nd] / $\tilde{V}$ __ V → [n] ~ [d ⁿ] / __ #
/tʃ/ → [tʃ]	/ɲ/ → [dʒ] ~ [j] ~ [ɲ] / # __ V → [ɲ] ~ [j] / # __ $\tilde{V}$ → [dʒ] ~ [j] / V __ V → [ɲ] ~ [j] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ → [ndʒ] / $\tilde{V}$ __ V
/k/ → [k] ~ [k ^j] / i __ em sílaba tônica → [k] ~ [g] / # __ a ou / V __ a → [k] n.d.a.	/ŋ/ → [ŋ] / # __ $\tilde{V}$ → [ŋ] ~ [g] / # __ V → [ŋ] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ → [ŋg] / $\tilde{V}$ __ V → [g] / V __ V
/k ^w / → [k ^w]	/ŋ ^w / → [ŋ ^w] / # __ $\tilde{V}$ → [ŋ ^w] ~ [g ^w] / # __ V → [ŋ ^w] / $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$ → [ŋg ^w] / $\tilde{V}$ __ V → [g ^w] / V __ V
/ʔ/ → [ʔ]	

Série dos fricativos e tepe

$/\beta/ \rightarrow [\beta] \sim [w] / V_V$ $\rightarrow [\beta] \sim [w] / \#_$	$/h/ \rightarrow [\emptyset] \sim [h] / V_V$ $\rightarrow [h] \text{ n.d.a.}$	$/r/ \rightarrow [r] / V_V$
--	---	------------------------------

Tendo analisado o contrasre e a distribuição, traçamos o **quadro de fonemas consonantais** do Uru-eu-uau-uau:

	Bilabial	Alveolar	Palato-alveolar	Velar	Lábio-velar	Glotal
Oclusivo	p	t		k	k ^w	ʔ
Nasal	m	n	ɲ	ŋ	ŋ ^w	
Fricativo	β					h
Africado			tʃ			
Tepe		r				

2.2. O sistema vocálico

Analisando as vogais do Uru-eu-uau-uau , levantamos o seguinte quadro de fones:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta fechada	i	ĩ	ɨ	ĩ	u	ũ
média-alta fechada	e	ẽ	ə	ẽ	o	õ
média-baixa aberta	ɛ				ɔ	
baixa			a	ã		

O contraste entre as vogais orais e nasais pode ser verificado através dos seguintes exemplos:

Orais	Nasais
(211) / i / - / ita / [i'ta] 'pedra'	(217) / ã / - / itã / [i'tã] 'colher'
(212) / e / - / pehe / [pe'he] 'vocês'	(218) / ẽ / - / ẽhẽ / [ẽ'hẽ] 'doce'
(213) / i / - / ep i / [e'pi] 'sobre!'	(219) / ã / - / epã / [e'pi] 'cubra!'
(214) / a / - / oka / [o'ka] 'ele quebra'	(220) / ã / - / akã / [a'kã] 'ramo, galho'
(215) / o / - / òmõno / [òmõ'n do] 'ele dá'	(221) / õ / - / òmõmõ / [òmõ'mbõ] 'ele joga'
(216) / u / - / apuka / [adʒu'ka] 'eu mato'	(222) [ỹ] - / apũ / [a'dʒũ] 'entre-casca de árvore'

Podemos traçar oposição entre elementos foneticamente semelhantes tais como:

• [i i]

(223) / irua / [i ru'a] 'flauta'

(224) / irua / [i' ruə] 'cesto'

• [i u]

(225) / ahepiã / [ae pi' ã] 'dedos do pé'

(226) / ahapoã / [ae pu' ã] 'dedos da mão'

• [u o]

(227) / kopea / [ko' pɛə] 'roça'

(228) / ahekupea / [ae ku' pɛə] 'costas'

• [i e]

(229) / peʔi / [pe'ʔi] 'um'

(230) / peʔe / [pe'ʔe] 'vocês falam'

Algumas observações quanto às realizações fonéticas das vogais devem ser consideradas:

a) A vogal baixa /a/ possui três alofones: [a], [ə] [ɔ]

• /a/ → [ə] / __# / em sílaba final átona

(231) / ipitũnã / [ipi'tũnã] 'noite'

(232) / iβitera / [iβi'tɛɾə] 'montanha'

• /a/ → [a] ~ [ɔ] em posição pretônica

(233) / are / [ɔ're] ~ [a're] 'nós'

• /a/ → [a] n. d. a.

•b) As vogais médias /e/ [e ɛ], /o/ [o ɔ] e a vogal alta /u/ [o u]

apresentam a seguinte variação:

• /e/ → [e] ~ [ɛ]

(234) / pehea / [pe'heə] ~ [pe'heɛ] 'caminho'

(235) / irupe / [iru'pe] ~ [iru'pɛ] 'longe'

• /o/ → [o] ~ [ɔ]

(236) / moropo / [mboro'po] ~ [mboɾɔ'pɔ] 'Boropó' (nome próprio feminino)

(237) / dʒoara / [dʒo'arə] ~ [dʒɔ'arɛ] 'coceira'

• /o/ → [o] ~ [u]

(238) / mômĩnã / [mõ'mĩnã] ~ [mũ'mĩnã] 'acabar'

c) As vogais altas [i u] alternam-se:

• /i/ → [i] ~ [u]

(239) / irupe / [iru'pe] ~ [uru'pe] 'longe'

(240) / irua / [i'rua] ~ [u'rua] 'cesto'

Não nos foi possível, ainda, neste momento, justificar as variações demonstradas nos itens **b** e **c** acima. Julgamos, porém, que merecem um estudo

aprofundado a respeito de processos fonológicos tais como assimilação e dissimilação, dos quais não trataremos neste trabalho.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo com a distribuição dos fonemas vocálicos do Uru-eu-uau-uau:

Orais	Nasais
/a/ → [ə] / __# em sílaba final átona → [a] ~ [ɔ] em posição pretônica → [a] n.d.a.	/ã/ → [ã]
/e/ → [e] ~ [ɛ]	/ẽ/ → [ẽ]
/i/ → [i]	/ĩ/ → [ĩ]
/o/ → [o] ~ [ɔ] → [o] ~ [u]	/õ/ → [õ]
/ɨ/ → [ɨ] ~ [u]	/i/ → [ĩ]
/u/ → [u]	/u/ → [ũ]

Assim é possível concluir-se que as vogais do Uru-eu-uau-uau constituem-se de doze fonemas, de acordo com o seguinte quadro:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
média	e	ẽ			o	õ
baixa			a	ã		

3. Comparando os sistemas fonológicos do Parintintin e do Uru-eu-uau-uau

Tendo analisado os sistemas fonológicos do Parintintin e do Uru-eu-uau-uau, constatamos que não há diferenças entre eles no nível dos fonemas.

Os sistemas vocálicos têm os mesmos fonemas e a mesma distribuição. Temos um sistema vocálico constituído de doze fonemas, distintos pela qualidade da vogal (oral ou nasal), pela posição (anterior, central, posterior) e altura (alta, média, baixa) da língua.

Em relação aos sistemas consonantais, o que parece ser uma diferença repousa não na língua em si, mas na realização fonética de alguns segmentos. Nos quadros a seguir, poderemos observar tais diferenças:

3.1 Série dos oclusivos

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
/p/ → [p]	/p/ → [p]
/t/ → [tʃ] / __ i / → [t] n.d.a.	/t/ → [t]
/tʃ/ → [tʃ]	/tʃ/ → [tʃ]
/k/ → [k] ~ [kʲ] / i __ / → [k] ~ [g] / # __ a ou / V __ a → [k] n.d.a.	/k/ → [k] ~ [kʲ] / i __ → [k] n.d.a.
/kʷ/ → [kʷ]	/kʷ/ → [kʷ]
/ʔ/ → [ʔ]	/ʔ/ → [ʔ]

De acordo com o quadro, pode-se constatar que há uma pequena diferença nas realizações fonéticas dos oclusivos /t/ e /k/: no Uru-eu-uau-uau o fonema /t/ realiza-se como africado [tʃ] antes de [i]; o fonema /k/, pode realizar-se como [k] ou

[g] em contexto inicial ou medial, quando seguido de [a]. No Parintintin, isto não acontece, segundo a análise de Betts e Pease (1991).

3.2 Série dos nasais

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
$/m/ \rightarrow [m] / \# _ \tilde{V}$ $[b] \sim [mb] \sim [m] / \# _ V /$ $[m] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[mb] / \tilde{V} _ V /$ $[m] \sim [bm] / _ \# /$	$/m/ _ [m] / \# _ \tilde{V}$ $[m] \sim [mb] / \# _ V$ $[m] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[mb] / \tilde{V} _ V /$
$/n/ \rightarrow [n] / \# _ \tilde{V} /$ $[n] \sim [nd] \sim [n] / \# _ V$ $[n] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[nd] / \tilde{V} _ V$ $[n] \sim [d^n] / _ \#$	$/n/ \rightarrow [n] / \# _ \tilde{V}$ $[n] \sim [nd] / \# _ V$ $[n] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[nd] / \tilde{V} _ V$
$/ɲ/ \rightarrow [dʒ] \sim [j] \sim [ɲ] / \# _ V$ $[ɲ] \sim [j] / \# _ \tilde{V}$ $[dʒ] \sim [j] / V _ V$ $[ɲ] \sim [j] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[ndʒ] / \tilde{V} _ V$	$/ɲ/ \rightarrow [ɲ] / \# _ \tilde{V} e / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[dʒ] / \# _ V$ $[ndʒ] / \tilde{V} _ V$ $[dʒ] \sim [j] / V _ V$ em sílaba átona $[ɲ] \sim [j] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ em sílaba átona
$/ŋ/ \rightarrow [ŋ] / \# _ \tilde{V}$ $[ŋ] \sim [g] / \# _ V$ $[ŋg] / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[g] / V _ V$	$/ŋ/ \rightarrow [ŋ] / \# _ \tilde{V} e / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[g] / \# _ V e / V _ V$ $[ŋg] / \tilde{V} _ V$ $[ŋ^j] / i _$
$/ŋ^w/ \rightarrow [ŋ^w] \sim [g^w] / \# _ V$ $[ŋ^w] / \# _ \tilde{V} e / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[g^w] / V _ V$ $[ŋg^w] / \tilde{V} _ V$	$/ŋ^w/ \rightarrow [ŋ^w] / \# _ \tilde{V} / e / \tilde{V} _ \tilde{V}$ $[g^w] / \# _ V / e / V _ V$ $[ŋg^w] / \tilde{V} _ V /$

A diferença básica existente entre os fones nasais do Parintintin é que não há fones pós-nasalisados; este fato, entretanto, foi registrado no Uru-eu-uau-uau apenas em pessoas mais velhas, não tendo sido registrado entre os jovens; isto indica que tais realizações fonéticas podem estar caindo em desuso. Também percebe-se que os alofones oclusivos sonoros de / m / e / n /, respectivamente [b] e [d], não ocorrem no Parintintin.

3.3 Série dos fricativos e tepe

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
/β/ → [β] ~ [w] / V__V → [β] ~ [w] / #__	/v/ → [v]
/h/ → [ø] ~ [h] / V__V → [h] n.d.a.	/h/ → [h] ~ [hʲ] / __i → [h] n.d.a.
/r/ → [r] / V__V	/r/ → [r]

Nesta série, o que parece ser uma diferença, em relação aos sons /β/ e /v/, na verdade, é apenas uma diferença na análise dos dados: Betts e Pease propõem como fonema o fricativo /v/ - para o Parintintin - classificado por elas como bilabial, muito embora a transcrição fonética de seus dados apresente [β] e não [v]. Na nossa análise é proposto como fonema - para o Uru-eu-uau-uau - o fricativo labial /β/. Não foi registrado nenhum dado com o lábio-dental /v/. Estas divergências de análise, porém, não são suficientes para comprometer a evidência de correspondências sonoras entre Uru-eu-uau-uau e Parintintin.

Abaixo, dispomos um quadro representativo do sistema fonológico que - na nossa análise preliminar - serve ao Parintintin (Tenharim) e ao Uru-eu-uau-uau (Amondava):

Consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palato-alveolar	Velar	Lábio-velar	Glotal
Oclusivo	p	t		k	k ^w	ʔ
Nasal	m	n	ɲ	ŋ	ŋ ^w	
Fricativo	β					h
Africado			tʃ			
Tepe		r				

Vogais

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
média	e	ẽ			o	õ
baixa			a	ã		

Assim, com base na comparação dos fonemas e de suas realizações fonéticas, é possível afirmarmos que temos um único sistema fonológico para o Parintintin e Uru-eu-uau-uau, com pequenas diferenças na manifestação da fala. As diferenças percebidas nas realizações fonéticas de alguns destes fonemas é que daria, então, aos membros dos grupos Uru-eu-uau-uau e Parintintin o respaldo para afirmarem que *'são povos diferentes, que falam igual, mas suas línguas são diferentes'*. Isto parece paradoxal, porém não podemos esquecer-nos de que a língua é fator de identidade política de um povo. E os falantes de cada uma destas variedades linguísticas, o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau, seguem uma norma, ou seja, um conjunto de regras sob as quais cada falante realiza, na fala, seu sistema linguístico-comunicativo. Então, no plano fonológico, é possível afirmarmos que não estamos diante de línguas diferentes entre si, mas de variedades dialetais de uma única língua.

ANÁLISE COMPARATIVA DO LÉXICO PARINTINTIN/TENHARIM E URU-EU-UAU-UAU/AMONDAVA

Neste capítulo, buscamos desenvolver um estudo comparativo lexical entre o Uru-eu-uau-uau / Amondava e o Parintintin / Tenharim, sob o ponto de vista sincrônico. Para tanto, utilizamos os princípios da Lexicoestatística, cuja função primeira é determinar o grau de parentesco lexical entre línguas relacionadas, tendo como concepções básicas que:

- alguns itens do vocabulário são melhor preservados que outros: os numerais baixos, alguns pronomes, partes do corpo humano, elementos e fenômenos naturais, ações básicas, dentre outros;
- a média de desgaste do vocabulário básico é constante, de tal forma que cerca de 81% de um vocabulário básico de 200 (duzentos) itens lexicais seria preservado mesmo depois de passados mil anos.

A Lexicoestatística permite-nos comparar línguas sob duas perspectivas distintas: a diacrônica e a sincrônica. A perspectiva diacrônica trata da substituição de um elemento, por outro, na língua, no decorrer do tempo, enquanto que a sincrônica se preocupa com as relações entre eventos simultâneos. Para a perspectiva diacrônica o método melhor aplicável é o comparativo, que consiste em identificar correspondências entre um conjunto de fonemas que são derivados de um mesmo protofonema. Tais correspondências destinam-se a identificar palavras cognatas e reconstruir protoformas. Sob o ponto de vista sincrônico, melhor se aplica o método da inspeção, em que os cognatos são preferivelmente definidos com base na similaridade fonética, pois é esta, em vez da inerência genética, que determina se uma palavra cognata será ou não compreendida por diferentes comunidades de fala.

Nosso estudo, como já dito, baseia-se na perspectiva sincrônica. Portanto, utilizamos o método de inspeção, tomando como base comparativa as similaridades fonéticas entre as palavras elicítadas. Para eleger as formas cognatas, lançamos mão dos critérios propostos por Dutton (1977, *apud* Sanders 1986:34): duas formas são cognatas se seus sons diferem um do outro em não mais que um dos seguintes aspectos: a) para as consoantes - ponto e modo de articulação; b) para as vogais - altura e posição da língua. São ignoradas as diferenças menores, tais como a pré-nasalização e o ensurdecimento. A ausência de um som conta como uma diferença. Estes critérios, segundo Sanders (1986:35) são mais rigorosos do que simplesmente determinar formas similares sem se ter algumas regras como guia. Para computar o percentual de cognatos compartilhados, adotamos o seguinte procedimento: após organizar os conjuntos lexicais elicítados, constituídos de quatro palavras cada um, comparamos cada uma das palavras entre si, sempre tomadas de duas a duas. Desta forma, temos:

- Tenharim *versus* Parintintin
- Tenharim *versus* Uru-eu-uau-uau
- Tenharim *versus* Amondava
- Parintintin *versus* Uru-eu-uau-uau
- Parintintin *versus* Amondava
- Uru-eu-uau-uau *versus* Amondava

Foi utilizada, como lista básica, a já reconhecida “lista de Swadesh” de 100 palavras (cf. Ezrad 1988:55-59). Dadas algumas dificuldades para a elicitação, algumas palavras foram substituídas: *todos*, *cortiça*, *redondo*, *levantar-se*, *nome*.

Analisaremos, então, cem itens lexicais retidos e compartilhados pelas variedades lingüísticas em estudo, num *corpus* de cem conjuntos. Apresentaremos dados do Parintintin, do Tenharim, do Uru-eu-uau-uau e do Amondava. Fizemos questão de trabalhar com estas quatro variedades no intuito de verificar, no nível lexical, o que está determinado pelo nível fonológico.. Todos os dados foram coletados por nós, em trabalho de campo.

Os dados estão organizados da seguinte maneira: para cada conjunto de cognatos será dado o vocábulo em português, acima do conjunto, numerado de 01 a

100. Abaixo, estarão dispostos, em colunas, os dados do Tenharim, do Parintintin, do Uru-eu-uau-uau e do Amondava, doravante tratados como TEN, PAR, URU e AMO, respectivamente.

Os dados lingüísticos estarão dispostos com as correspondências sonoras alinhadas verticalmente, com vistas a melhor explicitá-las; por isto, os espaços existentes entre os caracteres não devem ser considerados como significativos. Eventualmente serão encontrados hífens ao lado dos cognatos. Isto significa que a forma é fronteiraça, isto é, ou prefixada ou sufixada. Os segmentos substituídos pelos hífens são aqueles que assumimos terem estatuto morfêmico distinto do material cognato básico e de cuja análise não trataremos, devido às limitações deste trabalho. Todos os dados serão apresentados com a transcrição fonética, seguida da escrita fonêmica. Foram utilizados, para tanto, os símbolos do IPA.

Esta forma de exposição dos dados, conseqüentemente, levar-nos-á a dois resultados: um com base nas similaridades fonéticas e outro com base nas correspondências fonêmicas. Muito embora a comparação fonêmica não seja tida - pelo método de inspeção - como essencial para este estudo, fizemos esta opção com o intuito de verificar se, através da análise comparativa entre as correspondências fonêmicas, chegaríamos ou não a uma maior aproximação entre as variedades lingüísticas comparadas, visto que no capítulo anterior constatamos que o Parintintin / Tenharim e o Uru-eu-uau-uau / Amondava possuem o mesmo sistema fonêmico, com pequenas diferenças em suas realizações fonéticas.

Desta forma, os resultados de nossa análise serão demonstrados em matrizes distintas, que representarão a inspeção de similaridades fonéticas e a comparação das correspondências fonêmicas. As matrizes retratarão: o grau de interseção lexical existente entre TEN, PAR, URU e AMO; o percentual de léxico compartilhado entre TEN, PAR, URU e AMO. Maiores detalhamentos serão dados no decorrer da análise, após a apresentação de cada uma das matrizes.

A seguir, dispomos o *corpus* utilizado nesta análise :

01. EU

TEN	[dʒ i 'h i]	/ɲ i h i /
PAR	[dʒ i 'h i]	/ɲ i h i /
URU	[dʒ i 'h e]	/ɲ i h e /
AMO	[dʒ i 'h e]	/ɲ i h e /

02. TU / VOCÊ

TEN	[ʰd e 'h e]	/nehe/
PAR	[d ɛ 'h ɛ]	/nehe/
URU	[d ɛ 'h e]	/nehe/
AMO	[ʰd e 'h e]	/nehe/

03. NÓS DOIS

TEN	[ɲ ã 'ʰd e]	/ɲ ã n e /
PAR	[ɲ ã 'ʰd ɛ]	/ɲ ã n e /
URU	[n ã 'ʰd ɛ]	/n ã n e /
AMO	[n ã 'ʰd e]	/n ã n e /

04. ESTE

TEN	[p e 'h ɔ]	/p e h o /
PAR	[k o 'h o ɐ]	/k o h o a /
URU	[k o 'h o ɐ]	/k o h o a /
AMO	['k ɔ r ɔ]	/k o r o /

05. ESTE

TEN	[p i 'h a]	/p i h a /
PAR	[k i 'h i ɐ]	/k i h i a /
URU	[tʃ i 'h e]	/tʃ i h e /
AMO	[p e 'r ɔ]	/p e r o /

06. QUEM ?

TEN	[m ã ' ŋ ã]	/ m ã ŋ ã /
PAR	[m ã ' ŋ ã]	/ m ã ŋ ã /
URU	[m ã ' ŋ ã]	/ m ã ŋ ã /
AMO	[m ã ' ŋ ã]	/ m ã ŋ ã /

07. O QUÊ?

TEN	[g a ' r a]	/ ŋ a r a /
PAR	[g a ' r a]	/ ŋ a r a /
URU	[g a ' r a]	/ ŋ a r a /
AMO	[g a ' r a]	/ ŋ a r a /

08. NÃO

TEN	[a ' r õ j]	/ a r õ i /
PAR	[a ' h ã]	/ a h ã /
URU	[ã ' h ã]	/ a h ã /
AMO	[a ' h ã n]	/ a h ã n /

09. MUITOS

TEN	[e ? ' u j]	/ e ? h u i /
PAR	[e ? ' h u j]	/ e ? h u i /
URU	[e ? ' u j]	/ e ? h u i /
AMO	[e ? ' u j]	/ e ? h u i /

10. UM

TEN	[o d ʒ i ' p ε j]	/ o ɲ i p e ɲ i /
PAR	[o d ʒ i ' p ε d ʒ i]	/ o ɲ i p e ɲ i /
URU	[o j p ε ' ? i]	/ o ɲ i p e ? i /
AMO	[o d ʒ i p e ' ? i]	/ o ɲ i p e ? i /

11. DOIS

TEN	[m õ 'k õ j]	/m õ k õ i/
PAR	[m õ 'k õ j]	/m õ k õ i/
URU	[m õ 'k õ j]	/m õ k õ i/
AMO	[m õ 'k õ j]	/m õ k õ i/

12. GRANDE

TEN	[h õ j _]	/ h ã i/
PAR	[h e j 'h ã j]	/h e i h ã i/
URU	[e 'h ã j]	/h e h ã i/
AMO	[e 'h ã j]	/h e h ã i/

13. LARGO

TEN	[itupiru 'hu]	/itupiruhu/
PAR	[ipupiru 'hu]	/itupiruhu/
URU	[i pere 'hu]	/iperehu/
AMO	[ipi piru 'hu]	/ipi piruhu/

14. PEQUENO

TEN	[tʃ ã 'ɲ ẽ]	/tʃ ã ɲ ẽ/
PAR	[tʃ u 'ʔ ĩ]	/tʃ u ʔ ĩ/
URU	[tʃ u 'ʔ ĩ]	/tʃ u ʔ ĩ/
AMO	[tʃ u 'ʔ ĩ]	/tʃ u ʔ ĩ/

15. MULHER

TEN	[k ũ 'ɲ ã]	/k ũ ɲ ã/
PAR	[k ũ 'ɲ ã]	/k ũ ɲ ã/
URU	[k ũ 'ɲ ã]	/k ũ ɲ ã/
AMO	[k ũ 'ɲ ã]	/k ũ ɲ ã/

16. HOMEM

TEN	[k ^w ĩ 'mb a]	/k ^w ĩ m a /
PAR	[k ^w aĩ 'mb e]	/k ^w a ĩ m e /
URU	[k ^w ǎ mb a 'ʔɛ]	/k ^w ǎ m a ʔ e /
AMO	[k ^w ǎ mb a 'ʔɛ]	/k ^w ǎ m a ʔ e /

17. PESSOA

TEN	[a 'hɛ]	/a h e /
PAR	[a 'hɛ]	/a h e /
URU	[a ' e]	/a h e /
AMO	[a ' e]	/a h e /

18. PEIXE

TEN	[pi 'ra]	/pi r a /
PAR	[pi 'ra]	/pi r a /
URU	[pi 'ra]	/pi r a /
AMO	[pi 'ra]	/pi r a /

19. PÁSSARO

TEN	[wi 'ra]	/β i r a /
PAR	[β i 'ra]	/β i r a /
URU	[wi 'ra]	/β i r a /
AMO	[wi 'ra]	/β i r a /

20. CACHORRO

TEN	[ɲ ǎ ŋg ^w a 't ĩ ŋgə]	/ɲ ǎ ŋ ^w a t ĩ ŋ a /
PAR	[ɲ ǎ ŋg ^w ǎ 't ĩ ŋg ə]	/ɲ ǎ ŋ ^w a t ĩ ŋ a /
URU	[dʒ a 'g ^w a r ə]	/ɲ a ŋ ^w a r a /
AMO	[dʒ a 'g ^w a r ə]	/ɲ a ŋ ^w a r a /

21. PIOLHO

TEN	[ki]	/ki/
PAR	['kiβə]	/kiβa/
URU	['kiβə]	/kiβa/
AMO	['kiβə]	/kiβa/

22. ÁRVORE

TEN	[i'βa]	/iβa/
PAR	[i'βa]	/iβa/
URU	[i'βa]	/iβa/
AMO	[i'βa]	/iβa/

23. SEMENTE

TEN	[ha'ʔij]	/haʔii/
PAR	[ha'ʔij]	/haʔii/
URU	[ha'ʔĩjẽ]	/haʔĩjã/
AMO	[ha'ʔĩjẽ]	/haʔĩjã/

24. FOLHA

TEN	[ka'ʔa]	/kaʔa/
PAR	[ka'ʔa]	/kaʔa/
URU	[ka'ʔa]	/kaʔa/
AMO	[ka'ʔa]	/kaʔa/

25. RAIZ

TEN	[iβa'pə]	/iβapo/
PAR	[iβa'pəə]	/iβapoa/
URU	[iβa'pəə]	/iβapoa/
AMO	[iβa'pəə]	/iβapoa/

26. FLOR

TEN	[i p ə 't i r ə]	/i p o t i r a/
PAR	[i p ə 't i r ə]	/i p o t i r a/
URU	[i p ə 't i r ə]	/i p o t i r a/
AMO	[i p ə 't i r ə]	/i p o t i r a/

27. PELE

TEN	[__ 'p i r ə]	/__p i r a/
PAR	[__ 'p i r ə]	/__p i r a/
URU	[__ 'p i r ə]	/__p i r a/
AMO	[__ 'p i r ə]	/__p i r a/

28. CARNE

TEN	[a 'ʔ ə]	/h a ʔ o/
PAR	[h a 'ʔ ə]	/h a ʔ o/
URU	[h a 'ʔ ə]	/h a ʔ o/
AMO	[h a 'ʔ ə]	/h a ʔ o/

29. SANGUE

TEN	[g ^w i]	/ŋ ^w i/
PAR	[g ^w i]	/ŋ ^w i/
URU	[β i 'ʔ i]	/β i 'ʔ i/
AMO	[β i 'ʔ i]	/β i 'ʔ i/

30. OSSO

TEN	[__ 'k ã ŋ õ]	[__k ã ŋ ã]
PAR	[__ 'k ã ŋ õ]	[__k ã ŋ ã]
URU	[__ 'k ã ŋ õ]	[__k ã ŋ ã]
AMO	[__ 'k ã ŋ õ]	[__k ã ŋ ã]

31. GORDURA

TEN	[i'k a]	/ i k a /
PAR	[i'k ^j a β ə]	/ i k a β a /
URU	[i'k a β ə]	/ i k a β a /
AMO	[i'k ^j a β ə]	/ i k a β a /

32. OVO

TEN	[h u p i 'ʔ a]	/h u p i ʔ a/
PAR	[h u p i 'ʔ a]	/h u p i ʔ a/
URU	[h u p i 'ʔ a]	/h u p i ʔ a/
AMO	[h u p i 'ʔ a]	/h u p i ʔ a/

33. CHIFRE

TEN	[__ã 't i]	/__ã t i /
PAR	[__i 't i ə]	/__ i t i a/
URU	[__a 'tʃi ə]	/__ a t i a/
AMO	[__a 'tʃi ə]	/__ a t i a/

34. RABO

TEN	[g ^w a 'h a j ə]	/ŋ ^w a h a ɲ a/
PAR	[g ^w a j 'a]	/ŋ ^w a h a ɲ a/
URU	[g ^w a 'h ã j ə]	/ β a h a ɲ a/
AMO	[β a 'h a j ə]	/ β a h a ɲ a/

35. PENA

TEN	[i p ε 'p ə]	/i p e p o /
PAR	[i p ε 'p ə ə]	/i p e p o a/
URU	[i p e 'p ə ə]	/i p e p o a/
AMO	[i p e 'p ə ə]	/i p e p o a/

36. CABELO

TEN	[__ 'ʔ a β ə]	/__ ʔ a β ə/
PAR	[__ 'ʔ a β ə]	/__ ʔ a β ə/
URU	[__ 'ʔ a β ə]	/__ ʔ a β ə/
AMO	[__ 'ʔ a β ə]	/__ ʔ a β ə/

37. CABEÇA

TEN	[__ a'k ã ŋ ẽ]	/__ a k ã ŋ ẽ/
PAR	[__ a'k ã ŋ ẽ]	/__ a k ã ŋ ẽ/
URU	[__ a'k ã ŋ ẽ]	/__ a k ã ŋ ẽ/
AMO	[__ a'k ã ŋ ẽ]	/__ a k ã ŋ ẽ/

38. ORELHA

TEN	[__ n ã' m b i]	/__ n ã m i /
PAR	[__ n ã' m b i ə]	/__ n ã m i a /
URU	[__ n ã' m b i ə]	/__ n ã m i a /
AMO	[__ n ã' m b i ə]	/__ n ã m i a /

39. OLHO

TEN	[__ a'k ^w a r ə]	/__ a k ^w a r a /
PAR	[__ ɛ a'k ^w a r ə]	/__ ɛ a k ^w a r a /
URU	[__ ɛ a'k ^w a r ə]	/__ ɛ a k ^w a r a /
AMO	[__ a'k ^w a r ə]	/__ a k ^w a r a /

40. NARIZ

TEN	[__ a'p ĩ j ẽ]	/__ a p ĩ j ẽ/
PAR	[__ a'p ĩ j ẽ]	/__ a p ĩ j ẽ/
URU	[__ a'p ĩ j ẽ]	/__ a p ĩ j ẽ/
AMO	[__ a'p ĩ j ẽ]	/__ a p ĩ j ẽ/

41. BOCA

TEN	[__dʒ u 'r u]	/__ɲ u r u /
PAR	[__dʒ u 'r u ə]	/__ɲ u r u a/
URU	[__dʒ u 'r u ə]	/__ɲ u r u a/
AMO	[__dʒ u 'r u ə]	/__ɲ u r u a/

42. DENTE

TEN	[__ a 'h ã ɲ ã]	/__ a h ã ɲ ã/
PAR	[__ a 'h ã ɲ ô]	/__ a h ã ɲ ã/
URU	[__ a 'h ã ɲ ô]	/__ a h ã ɲ ã/
AMO	[__ a 'h ã ɲ ô]	/__ a h ã ɲ ã/

43. LÍNGUA

TEN	[__ 'k õ]	/__ k õ /
PAR	[__ 'k u ə]	/__ k õ a/
URU	[__ 'k õ ə]	/__ k õ a/
AMO	[__ 'k õ ə]	/__ k õ a/

44. UNHA

TEN	[p o a 'p ɛ]	/poape /
PAR	[p õ a 'p ɛ ə]	/poapea/
URU	[p õ 'p ɛ ə]	/po pea/
AMO	[p o 'p ɛ ə]	/po pea/

45. PÉ

TEN	[__p i]	/__p i /
PAR	[__p i ə]	/__p i a/
URU	[__p i ə]	/__p i a/
AMO	[__p i ə]	/__p i a/

46. JOELHO

TEN	[__ n e p i ' ? ã]	/__ n e p i ? ã/
PAR	[__ e n e p i ' ? ã]	/__ e n e p i ? ã/
URU	[__ e n e p i ' ? ã]	/__ e n e p i ? ã/
AMO	[__ e n e p i ' ? ã]	/__ e n e p i ? ã/

47. MÃO

TEN	[__ p o]	/__ p o /
PAR	[__ p o ə]	/__ p o a/
URU	[__ p o ə]	/__ p o a/
AMO	[__ p o ə]	/__ p o a/

48. BARRIGA

TEN	[__ ' β e g ə]	/__ β e g a/
PAR	[__ e ' β e g ə]	/__ e β e g a/
URU	[__ e ' β e g ə]	/__ e β e g a/
AMO	[__ e ' β e g ə]	/__ e β e g a/

49. SEIO

TEN	[__ ' k ã m õ]	/__ k ã m ã/
PAR	[__ ' k ã m õ]	/__ k ã m ã/
URU	[__ ' k ã m õ]	/__ k ã m ã/
AMO	[__ ' k ã m õ]	/__ k ã m ã/

50. PESCOÇO

TEN	[__ ' dʒ u r ə]	/__ ɲ u r a/
PAR	[__ ' dʒ u r ə]	/__ ɲ u r a/
URU	[__ ' dʒ u r ə]	/__ ɲ u r a/
AMO	[__ ' ɲ i r a__]	/__ ɲ u r a/

51. CORAÇÃO

TEN	[__n a ? a ' ? ĩ]	/__n a ? a ? ĩ /
PAR	[__n a ? a ' ? ĩ]	/__n a ? a ? ĩ /
URU	[__n a ? a ' ? ã j ẽ]	/__n a ? a ? ã j ẽ /
AMO	[__dʒ a β e ' β u j ə]	/__n a β e β u j a /

52. FÍGADO

TEN	[__p i ' ? a]	/__p i ? a /
PAR	[__p i ' ? a]	/__p i ? a /
URU	[__p i ' ? a]	/__p i ? a /
AMO	[__p i ' ? a]	/__p i ? a /

53. BEBER

TEN	[__i ' ? u]	/__i ' ? u /
PAR	[__i ' ? u]	/__i ' ? u /
URU	[__i ' ? u]	/__i ' ? u /
AMO	[__i ' ? u]	/__i ' ? u /

54. COMER

TEN	[__ ? u]	/__ ? u /
PAR	[__ ? u]	/__ ? u /
URU	[__ ? u]	/__ ? u /
AMO	[__ ? u]	/__ ? u /

55. MORDER

TEN	[__ u ' ? u]	/__h u ? u /
PAR	[__h u ' ? u]	/__h u ? u /
URU	[__ u ' ? u]	/__h u ? u /
AMO	[__ u ' ? u]	/__h u ? u /

56. VER

TEN [__ e'pʲ ɛ] /__ e p i e/

PAR [__ e'pʲ ɛ] /__ e p i e/

URU [__ e'pʲ ɛ k] /__ e p i e k/

AMO [__ e'pʲ ɛ k] /__ e p i e k/

57. OUVIR

TEN [__ ẽ 'ⁿd u] /__ ẽ n u/

PAR [__ ẽ 'ⁿd u] /__ ẽ n u/

URU [__ ă 'ⁿd u] /__ ẽ n u/

AMO [__ ẽ 'ⁿd u] /__ ẽ n u/

58. SABER

TEN [__ kʷ a 'h a] /__ kʷ a h a/

PAR [__ kʷ a 'h a] /__ kʷ a h a/

URU [__ kʷ a 'h a] /__ kʷ a h a/

AMO [__ kʷ a 'h a] /__ kʷ a h a/

59. DORMIR

TEN [__ 'k i] /__ k i /

PAR [__ 'k i r ə] /__ k i r a/

URU [__ 'tʃ i r ə] /__ tʃ i r a/

AMO [__ 'tʃ i r ə] /__ tʃ i r a/

60. MORRER

TEN [__ m ɔ̃ 'n ɔ̃] /__ m ɔ̃ n ɔ̃/

PAR [__ m ɔ̃ 'n ɔ̃] /__ m ɔ̃ n ɔ̃/

URU [__ m ɔ̃ 'n ɔ̃] /__ m ɔ̃ n ɔ̃/

AMO [__ m ɔ̃ 'n ɔ̃] /__ m ɔ̃ n ɔ̃/

61. MATAR

TEN	[__ dʒ u 'k a]	/ __ ɲ u k a /
PAR	[__ dʒ u 'k a]	/ __ ɲ u k a /
URU	[__ dʒ u 'k a]	/ __ ɲ u k a /
AMO	[__ dʒ u 'k a]	/ __ ɲ u k a /

62. VOAR

TEN	[__ β ε 'β ε]	/ __ β e β e /
PAR	[__ β ε 'β ε]	/ __ β e β e /
URU	[__ β e 'β e]	/ __ β e β e /
AMO	[__ β e 'β e]	/ __ β e β e /

63. ANDAR

TEN	[__ ? a 't a]	/ __ ? a t a /
PAR	[__ ? a 't a]	/ __ ? a t a /
URU	[__ a 't a]	/ __ a t a /
AMO	[__ a 't a]	/ __ a t a /

64. IR

TEN	[__ h ɔ]	/ __ h o /
PAR	[__ h ɔ]	/ __ h o /
URU	[__ h ɔ]	/ __ h o /
AMO	[__ h ɔ]	/ __ h o /

65. DEITAR

TEN	[__ ? a]	/ __ ? a /
PAR	[__ ? a]	/ __ ? a /
URU	[__ ? ã]	/ __ ? ã /
AMO	[__ ? ã n]	/ __ ? ã n /

66. NADAR

TEN	[__ i t a β a' t a]	/__ i t a β a t a /
PAR	[__ i t a β a' t a]	/__ i t a β a t a /
URU	[__ i p e' t ã]	/__ i p e t ã /
AMO	[__ dʒ a' h ɔ g]	/__ ɲ a h ɔ g /

67. SENTAR

TEN	[__ p u]	/__ p i /
PAR	[__ p i]	/__ p i /
URU	[__ p ĩ]	/__ p ĩ /
AMO	[__ p ĩ n]	/__ p ĩ n /

68. DAR

TEN	[__ m ũ ' n d ɔ]	/__ m ð n o /
PAR	[__ m ũ ' n d ɔ]	/__ m ð n o /
URU	[__ m ũ ' n d ɔ]	/__ m ð n o /
AMO	[__ m ũ ' n d ɔ]	/__ m ð n o /

69. DIZER

TEN	[__ ? e]	/__ ? e /
PAR	[__ ? e]	/__ ? e /
URU	[__ ? e]	/__ ? e /
AMO	[__ ? e]	/__ ? e /

70. CONTAR (Narrar)

TEN	[__ m ð m b e ' ? u]	/__ m ð m e ? u /
PAR	[__ m ã m b e ' ? u]	/__ m ð m e ? u /
URU	[__ m ã m b e ' ? u]	/__ m ð m e ? u /
AMO	[__ m ð m b e ' ? u]	/__ m ð m e ? u /

71. VIR

TEN	[__' u r i]	/__ r u r i/
PAR	[__' r u r i]	/__ r u r i/
URU	[__' r i r i]	/__ r u r i/
AMO	[__' r i r i]	/__ r u r i/

72. SOL

TEN	[k ^w a ' r a]	/k ^w a r a/
PAR	[k ^w a ' r a]	/k ^w a r a/
URU	[k ^w a ' r a]	/k ^w a r a/
AMO	[k ^w a ' r a]	/k ^w a r a/

73. LUA

TEN	[dʒ a ' h i]	/ɲ a h i /
PAR	[dʒ a ' h i ə]	/ɲ a h i a/
URU	[dʒ a ' h i ə]	/ɲ a h i a/
AMO	[dʒ a ' h i ə]	/ɲ a h i a/

74. ESTRELA

TEN	[dʒ a h i t a t a ' ? i]	/ɲ a h i t a t a ? i /
PAR	[dʒ a h i t a t a ' ? i ə]	/ɲ a h i t a t a ? i a/
URU	[dʒ a h i t a t a ' ? i ə]	/ɲ a h i t a t a ? i a/
AMO	[dʒ a h i t a t a ' ? i ə]	/ɲ a h i t a t a ? i a/

75. ÁGUA

TEN	[i ' h i]	/i h i /
PAR	[i ' h i ə]	/i h i a/
URU	[i ' h i ə]	/i h i a/
AMO	[i ' h i ə]	/i h i a/

76. CHUVA

TEN	[ã 'm ã n õ]	/ã m ã n ã/
PAR	[ã 'm ã n õ]	/ã m ã n ã/
URU	[ã 'm ã n õ]	/ã m ã n ã/
AMO	[ã 'm ã n õ]	/ã m ã n ã/

77. PEDRA

TEN	[i 't a]	/i t a/
PAR	[i 't a]	/i t a/
URU	[i 't a]	/i t a/
AMO	[i 't a]	/i t a/

78. AREIA

TEN	[iʔi't ĩŋõ]	/iʔi'tĩŋã/
PAR	[iʔi't ĩŋõ]	/iʔi'tĩŋã/
URU	[iβi'tʃĩŋõ]	/iβi'tĩŋã/
AMO	[iβi'tʃĩŋõ]	/iβi'tĩŋã/

79. TERRA

TEN	[i'βi]	/iβi/
PAR	[i'βiə]	/iβia/
URU	[i'βiə]	/iβia/
AMO	[i'βiə]	/iβia/

80. NUVEM

TEN	[i'β a g ə]	/i β a k a/
PAR	[i'β a g ə]	/i β a k a/
URU	[i'β a g ə]	/i β a k a/
AMO	[i'β a k ə]	/i β a k a/

81. FUMAÇA

TEN [tata'tĩŋõ] /tatatĩŋã/

PAR [tata'tĩŋõ] /tatatĩŋã/

URU [tata'tʃĩŋõ] /tatatĩŋã/

AMO [tata'tʃĩŋõ] /tatatĩŋã/

82. FUMO

TEN [__mohata'tĩŋõ] /__mohatatĩŋã/

PAR [__mohata'tĩŋõ] /__mohatatĩŋã/

URU [__mo ta'tʃĩŋõ] /__motatĩŋã/

AMO [__mo ta'tʃĩŋõ] /__motatĩŋã/

83. FOGO

TEN [ta'ta] /tata/

PAR [ta'ta] /tata/

URU [ta'ta] /tata/

AMO [ta'ta] /tata/

84. CINZA

TEN [tãñĩ'mbugə] /tãñĩmuka]

PAR [tãñĩ'mbugə] /tãñĩmuka]

URU [tãñĩ'mbugə] /tãñĩmuka]

AMO [tãñĩ'mbukə] /tãñĩmuka]

85. ARDER

TEN [__a'hi] /__ahi/

PAR [__a'hi] /__ahi/

URU [__a'hi] /__ahi/

AMO [__a'hi] /__ahi/

86. CAMINHO

TEN [pɛ'hɛ] /pɛhɛ/

PAR [pɛ'hɛə] /pɛhɛa/

URU [pɛ'hɛə] /pɛhɛa/

AMO [pɛ'hɛə] /pɛhɛa/

87. MONTANHA

TEN [iβi'tɛrə] /iβitɛra/

PAR [iβi'tɛrə] /iβitɛra/

URU [iβi'tɛrə] /iβitɛra/

AMO [iβi'tɛrə] /iβitɛra/

88. VERMELHO

TEN [iʔãŋga'hĩ] /iʔãŋga hĩ/

PAR [iʔãŋga'hĩ] /iʔãŋga hĩ/

URU [iβãŋga'hĩ] /iβãŋga hĩ/

AMO [iβãŋga'hĩm] /iβãŋga hĩm/

89. VERDE (não maduro)

TEN [dʒa'kɪrə] /ɲakɪra/

PAR [dʒa'kɪrə] /ɲakɪra/

URU [dʒa'kɪrə] /ɲakɪra/

AMO [dʒa'kɪrə] /ɲakɪra/

90. BRANCO

TEN [__tĩŋã'hĩ] /__tĩŋã hĩ/

PAR [__tĩŋã'hĩ] /__tĩŋã hĩ/

URU [__tʃĩŋã'hĩ] /__tĩŋã hĩ/

AMO [__tʃĩŋã'hĩm] /__tĩŋã hĩm/

91. PRETO

TEN	[dʒip i β a 'h ɿ]	/ɲip i β ah ɿ/
PAR	[dʒip i β a 'h ɿ]	/ɲip i β ah ɿ/
URU	[dʒup i β a 'h ɿ]	/ɲip i β ah ɿ/
AMO	[dʒup i β a 'h ɿm]	/ɲip i β ah ɿm/

92. NOITE

TEN	[i pi 't ũ n ẽ]	/ipit ũ n ẽ/
PAR	[i pi 't ũ n ẽ]	/ipit ũ n ẽ/
URU	[i pi 't ũ n ẽ]	/ipit ũ n ẽ/
AMO	[i pi 't ũ n ẽ]	/ipit ũ n ẽ/

93. QUENTE

TEN	[__a 'k u β __]	/__a k u β __/
PAR	[__a 'k u β __]	/__a k u β __/
URU	[__a 'k o β __]	/__a k o β __/
AMO	[__a 'k o β __]	/__a k o β __/

94. FRIO

TEN	[i r o tʃ ẽ ŋg a 'h ɿ]	/i r o tʃ ẽ ŋg a h ɿ/
PAR	[i r o tʃ ẽ ŋg a 'h ɿ]	/i r o tʃ ẽ ŋg a h ɿ/
URU	[i r u tʃ ẽ ŋg a 'h ɿ]	/i r o tʃ ẽ ŋg a h ɿ/
AMO	[i r u tʃ ẽ ŋg a 'h ɿm]	/i r o tʃ ẽ ŋg a h ɿm/

95. BOM (CERTO)

TEN	[p i 'r i __]	/p i r i __/
PAR	[p i 'r i __]	/p i r i __/
URU	[p i 'r i]	/p i r i /
AMO	[p i 'r i]	/p i r i /

96. BOM (BONITO)

TEN [i k a 't u] /i k a t u /

PAR [i k a 't u ə] /i k a t u a/

URU [i k a 't u ə] /i k a t u a/

AMO [i k a 't u ə] /i k a t u a/

97. CHEIO

TEN [h a i g^we dʒ i'ʔ i] /h a i ŋ^weɲ iʔ i/PAR [a i g^we dʒ i'ʔ i] /h a i ŋ^weɲ iʔ i/

URU [a w a h ε β a 'h i] /h a β a h e β a h ĩ m/

AMO [h a β a j a β a 'h i m] /h a β a ɲ a β a h ĩ m/

98. NOVO

TEN [p i a 'h u] /p i a h u /

PAR [p i a 'h u ə] /p i a h u a/

URU [p i a 'h u ə] /p i a h u a/

AMO [p i a 'h u ə] /p i a h u a/

99. SECO

TEN [__ i β i a 'h i] /__ i β i a h i /

PAR [__ i β i a 'h i] /__ i β i a h i /

URU [__ i β i r a 'h ĩ] /__ i β i r a h ĩ /

AMO [__ i β i r a 'h ĩ m] /__ i β i r a h ĩ m/

100. MOLHADO

TEN [a 'k ĩ m] /a k ĩ m/

PAR [a 'k ĩ m] /a k ĩ m/

URU [a 'k ĩ m __] /a k ĩ m __/

AMO [a 'k ĩ m __] /a k ĩ m __/

Mesmo uma rápida observação dos dados apresentados evidencia a grande semelhança existente entre o léxico destas línguas. Porém, para que não se corra o risco de conclusões equivocadas, faz-se necessário proceder um levantamento do percentual do léxico compartilhado pelas variedades linguísticas em estudo. Para tanto, utilizaremos matrizes demonstrativas, baseadas em cálculos matemáticos, a partir da proposta metodológica de Deibler e Trefry (1963, *apud* Sanders, 1986:35). O método consiste em comparar a mesma palavra em cada dialeto ou língua com a palavra correspondente em cada um dos outros dialetos ou línguas. Esta comparação é feita fone a fone, palavra por palavra. O percentual de semelhança lexical entre cada par de língua ou dialeto é obtido da seguinte maneira: equivalência exata, 4 pontos; um fone (fonema) diferente, 3 pontos; dois fones (fonemas) diferentes, dois pontos; três ou mais fones (fonemas) diferentes, mas ainda cognatos, um ponto; não-cognatos, zero pontos. Em princípio, este método se aplica à inspeção entre a similaridade fonética; como, porém, utilizaremos também a comparação fonêmica, adotamo-lo para os dois casos, em nossa análise.

Na página a seguir, apresentamos um quadro com a codificação dos pontos atribuídos ao grau de similaridade fonética existente entre os vocábulos do corpus analisado. Na primeira coluna temos o número de ordem de cada um dos dados, conforme a lista anteriormente apresentada. Em seguida, em cada uma das outras colunas, será possível verificar-se a similaridade fonética entre um variedade e outra, considerando-se que a comparação foi feita sempre tomando cada palavra de cada conjunto, sempre duas a duas. Assim poderemos visualizar, através da pontuação atribuída, a interseção existente entre os vocábulos do *corpus* analisado.

QUADRO DE PONTUAÇÃO DE SIMILARIDADE FONÉTICA

Nº	TEN PAR	TEN URU	TEN AMO	PAR URU	PAR AMO	URU AMO	Nº	TEN PAR	TEN URU	TEN AMO	PAR URU	PAR AMO	URU AMO
01	4	3	3	3	3	4	51	4	2	1	2	1	1
02	2	3	4	3	2	2	52	4	4	4	4	4	4
03	4	3	3	3	3	4	53	4	4	4	4	4	4
04	2	1	1	4	1	1	54	4	4	4	4	4	4
05	1	2	1	2	0	0	55	3	4	4	3	3	4
06	4	4	4	4	4	4	56	4	3	3	3	3	4
07	4	4	4	4	4	4	57	4	3	4	3	4	3
08	1	1	1	4	3	3	58	4	4	4	4	4	4
09	3	4	4	3	3	4	59	2	1	1	3	3	4
10	2	2	2	2	2	2	60	4	4	4	4	4	4
11	4	4	3	4	4	3	61	4	4	4	4	4	4
12	1	2	1	2	1	4	62	4	4	4	4	4	4
13	3	1	2	1	2	1	63	4	3	3	3	3	4
14	2	2	2	4	4	4	64	4	4	4	4	4	4
15	4	4	4	4	4	4	65	4	3	1	3	2	3
16	2	1	1	1	1	4	66	4	1	0	1	0	0
17	4	3	3	3	3	4	67	4	3	2	3	2	3
18	4	4	4	4	4	4	68	4	4	4	4	4	4
19	3	4	4	3	3	4	69	4	4	4	4	4	4
20	4	1	1	1	1	4	70	4	3	4	4	3	3
21	2	2	2	2	2	4	71	4	2	2	3	3	4
22	4	4	4	4	4	4	72	4	4	4	4	4	4
23	4	2	2	2	2	4	73	3	3	3	4	4	4
24	4	4	4	4	4	4	74	3	3	3	4	4	4
25	3	3	3	4	4	4	75	3	3	3	4	4	4
26	4	4	4	4	4	4	76	4	4	4	4	4	4
27	4	4	4	4	4	4	77	4	4	4	4	4	4
28	3	3	3	4	4	4	78	4	2	2	2	2	4
29	4	1	1	1	1	4	79	3	3	3	4	4	4
30	4	4	4	4	4	4	80	4	4	3	4	3	3
31	2	2	2	4	3	3	81	4	3	3	3	3	4
32	4	4	4	4	4	4	82	4	1	1	1	1	4
33	2	1	1	1	1	4	83	4	4	4	4	4	4
34	1	3	3	1	1	2	84	4	3	3	4	3	3
35	3	3	3	4	4	4	85	4	3	3	3	3	4
36	4	4	4	4	4	4	86	3	3	3	4	4	4
37	4	4	4	4	4	4	87	4	4	4	4	4	4
38	3	3	3	4	4	4	88	4	3	2	3	2	3
39	3	3	4	4	3	3	89	4	4	4	4	4	4
40	4	4	4	4	4	4	90	4	3	2	3	2	3
41	3	3	3	4	4	4	91	4	3	2	3	2	3
42	4	4	4	4	4	4	92	4	4	4	4	4	4
43	3	3	3	3	3	4	93	4	3	3	3	3	4
44	3	2	2	3	2	3	94	3	3	2	3	2	3
45	3	3	3	4	4	4	95	4	4	4	4	4	4
46	3	3	3	4	4	4	96	3	3	3	4	4	4
47	3	3	3	4	4	4	97	3	1	1	1	1	1
48	3	3	3	4	4	4	98	3	3	3	4	4	4
49	4	4	4	4	4	4	99	4	3	2	3	2	3
50	4	4	2	4	2	2	100	4	4	4	4	4	4

A partir do quadro de pontuação das similaridades fonéticas, devem-se efetuar os cálculos para verificação do percentual de léxico compartilhado. Desta forma, assim procedemos: após realizada a somatória dos pontos de cada interseção, o percentual é calculado. Parte-se da concepção de que o valor mais alto na escala comparativa das similaridades fonéticas é igual a 4 (quatro) pontos e de que, se trabalhamos com uma lista de 100 (cem) conjuntos, o valor mais alto a ser conseguido na soma total, consequentemente, será igual a 400 (quatrocentos) pontos. Então cem por cento é igual a 400 pontos. Pode-se estabelecer, assim, como base de cálculo, a seguinte fórmula:

$$100 \% = 400$$

$$x \% = y \quad (\text{onde } y = \text{soma total dos pontos de cada interseção})$$

$$\text{logo } x \% = \frac{y \times 100}{400}$$

Assim, temos:

a) Para a interseção TEN/PAR:

- 61 dados com valor 4 = 274 pontos
- 26 dados com valor 3 = 78 pontos
- 09 dados com valor 2 = 18 pontos
- 04 dados com valor 1 = 4 pontos
- Total = 344 pontos

$$\text{Então: } \frac{344 \cdot 100}{400} = 86 \%$$

Donde se conclui que a interseção entre Tenharim e Parintintim é de 86%.

b) Para a interseção TEN/URU:

- 40 dados com valor 4 = 160 pontos
- 38 dados com valor 3 = 114 pontos
- 11 dados com valor 2 = 22 pontos
- 11 dados com valor 1 = 11 pontos
- Total = 307 pontos

$$\text{Então: } \frac{307 \cdot 100}{400} = 75 \%$$

Donde se conclui que a interseção entre Tenharim e Uru-eu-uau-uau é de 75%.

c) Para a interseção TEN/AMO:

- 41 dados com valor 4 = 164 pontos
- 29 dados com valor 3 = 87 pontos
- 15 dados com valor 2 = 30 pontos
- 14 dados com valor 1 = 14 pontos
- Total = 295 pontos

Então: $\frac{295 \cdot 100}{400} = 73.75 \%$

Donde se conclui que a interseção entre Tenharim e Amondava é de 73.75%.

d) Para a interseção PAR/URU:

- 60 dados com valor 4 = 240 pontos
- 24 dados com valor 3 = 72 pontos
- 07 dados com valor 2 = 14 pontos
- 09 dados com valor 1 = 09 pontos
- Total = 335 pontos

Então: $\frac{335 \cdot 100}{400} = 83.75 \%$

Donde se conclui que a interseção entre Parintintin e Uru-eu-uau-uau é de 83.75%.

e) Para a interseção PAR/AMO:

- 53 dados com valor 4 = 212 pontos
- 20 dados com valor 3 = 60 pontos
- 14 dados com valor 2 = 28 pontos
- 11 dados com valor 1 = 11 pontos
- Total = 311 pontos

Então: $\frac{311 \cdot 100}{400} = 77.75 \%$

Donde se conclui que a interseção entre Parintintin e Amondava é de 77.75%.

f) Para a interseção URU/AMO:

- 74 dados com valor 4 = 296 pontos
- 16 dados com valor 3 = 48 pontos
- 04 dados com valor 2 = 08 pontos
- 04 dados com valor 1 = 04 pontos
- Total = 356 pontos

$$\text{Então: } \frac{356 \cdot 100}{400} = 89\%$$

Donde se conclui que a interseção entre Uru-eu-uau-uau e Amondava é de 89%.

Com base nestes resultados, elaboramos, então, a matriz de percentual lexical compartilhado pelas quatro variedades a partir das similaridades fonéticas:

	TEN	PAR	URU	AMO
TEN				
PAR	86%			
URU	75%	83.75%		
AMO	73.75%	77.75%	89%	

Vemos, então, que muito embora haja um pequeno distanciamento entre o Tenharim e o Uru-eu-uau-uau, Tenharim e Amondava e Parintintin e Amondava, respectivamente 75%, 73.75% e 77.75% - o que não atinge a variação de 80 a 85% preconizada pelos estudos comparativistas - esta diferença é sufocada pelas interseções entre Tenharim e Parintintim (86%), Parintintim e Uru-eu-uau-uau (83.75%) e Uru-eu-uau-uau e Amondava (89%). Poderíamos concluir, então, que, pelas similaridades fonéticas, estamos diante de variedades de uma única língua, sendo o Parintintin mais próximo do Tenharim e o Uru-eu-uau-uau mais próximo do Amondava.

A seguir, aplicaremos o mesmo processo de cálculos da comparação entre os fonemas, com base no quadro de pontuação das correspondências fonêmicas:

QUADRO DE PONTUAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA FONÊMICA

Nº	TEN PAR	TEN URU	TEN AMO	PAR URU	PAR AMO	URU AMO	Nº	TEN PAR	TEN URU	TEN AMO	PAR URU	PAR AMO	URU AMO
01	4	3	3	3	3	4	51	4	1	1	1	1	1
02	4	4	4	4	4	4	52	4	4	4	4	4	4
03	4	3	3	3	3	4	53	4	4	4	4	4	4
04	2	2	1	4	2	2	54	4	4	4	4	4	4
05	2	2	1	1	0	0	55	4	4	4	4	4	4
06	4	4	4	4	4	4	56	4	3	3	3	3	4
07	4	4	4	4	4	4	57	4	4	4	4	4	4
08	1	1	1	4	3	3	58	4	4	4	4	4	4
09	4	4	4	4	4	4	59	2	1	1	3	3	4
10	4	3	3	3	3	4	60	4	4	4	4	4	4
11	4	4	4	4	4	4	61	4	4	4	4	4	4
12	1	1	1	3	3	4	62	4	4	4	4	4	4
13	4	1	1	1	1	1	63	4	3	3	3	3	4
14	1	1	1	4	4	4	64	4	4	4	4	4	4
15	4	4	4	4	4	4	65	4	3	2	3	2	3
16	2	1	1	1	1	4	66	4	1	0	1	1	0
17	4	4	4	4	4	4	67	4	3	3	4	2	3
18	4	4	4	4	4	4	68	4	4	4	4	4	4
19	4	4	4	4	4	4	69	4	4	4	4	4	4
20	4	1	1	1	1	4	70	4	4	4	4	4	4
21	2	2	2	4	4	4	71	4	4	4	4	4	4
22	4	4	4	4	4	4	72	4	4	4	4	4	4
23	4	2	2	2	2	4	73	3	3	3	4	4	4
24	4	4	4	4	4	4	74	3	3	3	4	4	4
25	3	3	3	4	4	4	75	3	3	3	4	4	4
26	4	4	4	4	4	4	76	4	4	4	4	4	4
27	4	4	4	4	4	4	77	4	4	4	4	4	4
28	4	4	4	4	4	4	78	4	3	3	3	3	4
29	4	1	1	1	1	4	79	3	3	3	4	4	4
30	4	4	4	4	4	4	80	4	4	4	4	4	4
31	2	2	2	4	4	4	81	4	4	4	4	4	4
32	4	4	4	4	4	4	82	4	2	2	2	2	4
33	2	2	2	3	3	4	83	4	4	4	4	4	4
34	4	3	3	3	3	4	84	4	4	4	4	4	4
35	3	3	3	4	4	4	85	4	3	3	3	3	4
36	4	4	4	4	4	4	86	3	3	3	4	4	4
37	4	4	4	4	4	4	87	4	4	4	4	4	4
38	3	3	3	4	4	4	88	4	3	2	3	3	3
39	3	3	4	4	3	3	89	4	4	4	4	4	4
40	4	4	4	4	4	4	90	4	4	3	4	3	3
41	3	3	3	4	4	4	91	4	4	3	4	3	3
42	4	4	4	4	4	4	92	4	4	4	4	4	4
43	3	3	3	4	4	4	93	4	3	3	3	3	4
44	3	3	3	3	3	4	94	4	4	3	4	3	3
45	3	3	3	4	4	4	95	4	4	4	4	4	4
46	3	3	3	4	4	4	96	3	3	3	4	4	4
47	3	3	3	4	4	4	97	4	1	1	1	1	3
48	3	3	3	4	4	4	98	3	3	3	4	4	4
49	4	4	4	4	4	4	99	4	3	2	2	1	3
50	4	4	4	4	4	4	100	4	4	4	4	4	4

Analizando as correspondências fonêmicas, chegamos aos seguintes resultados:

a) Para a interseção TEN/PAR

- 72 dados com valor 4 = 288

- 18 dados com valor 3 = 54

- 07 dados com valor 2 = 14

- 03 dados com valor 1 = 03

Total = 359 pontos

Então, $\frac{359 \cdot 100}{400} = 89.75\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Tenharim e Parintintin é de 89.75%.

b) Para a interseção TEN/URU

- 51 dados com valor 4 = 204

- 31 dados com valor 3 = 93

- 07 dados com valor 2 = 14

- 11 dados com valor 1 = 11

Total = 322 pontos

Então, $\frac{322 \cdot 100}{400} = 80.5\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Tenharim e Uru-eu-uau-uau é de 80.5%.

c) Para a interseção TEN/AMO

- 49 dados com valor 4 = 196

- 30 dados com valor 3 = 90

- 08 dados com valor 2 = 16

- 12 dados com valor 1 = 12

Total = 314 pontos

Então, $\frac{314 \cdot 100}{400} = 78.5\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Tenharim e Amondava é de 78.5%.

d) Para a interseção PAR/URU

- 74 dados com valor 4 = 296

- 15 dados com valor 3 = 45

- 03 dados com valor 2 = 06

- 08 dados com valor 1 = 08

Total = 365 pontos

Então $\frac{365 \cdot 100}{400} = 91.25\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Parintintin e Uru-eu-uau-uau é 91.25%.

e) Para a interseção PAR/AMO

- 67 dados com valor 4 = 268

- 19 dados com valor 3 = 57

- 05 dados com valor 2 = 10

- 08 dados com valor 1 = 08

Total = 343 pontos

Então, $\frac{343 \cdot 100}{400} = 85.75\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Parintintin e Amondava é de 85.75%.

f) Para a interseção URU/AMO

- 85 dados com valor 4 = 340

- 10 dados com valor 3 = 30

- 01 dado com valor 2 = 02

- 02 dados com valor 1 = 02

Total = 374 pontos

Então, $\frac{374 \cdot 100}{400} = 93.5\%$

Daí se conclui que a interseção pela correspondência fonêmica entre Uru-eu-uau-uau e Amondava é de 93.5%.

Com base nestes resultados, elaboramos, então, a matriz de percentual lexical compartilhado pelas quatro variedades a partir da comparação entre as correspondências fonêmicas:

	TEN	PAR	URU	AMO
TEN				
PAR	89.75%			
URU	80.5%	91.25%		
AMO	78.5%	85.75%	93.5%	

A comparação das correspondências fonêmicas mostra uma aproximação maior entre as variedades linguísticas analisadas. Na tabela abaixo, verifica-se este fato comparando-se os percentuais de similaridade fonética com os de similaridade fonêmica:

Interseção	Percentual de Similaridade Fonética	Percentual de Similaridade Fonêmica
TEN / PAR	86 %	89.75 %
TEN / URU	75 %	80.5 %
TEN / AMO	73.75 %	78.5 %
PAR / URU	83.75 %	91.25 %
PAR / AMO	77.75 %	85.75 %
URU / AMO	89 %	93.5 %

Vale observarmos que a comparação das correspondências fonêmicas, não só, de fato, nos dá uma aproximação maior entre as variedades de fala analisadas, como também nos apresenta uma inversão nesta aproximação: o Parintintin é mais próximo do Uru-eu-uau-uau do que do Tenharim. Isto pode ser comprovado no quadro abaixo,

onde vemos que a relação de similaridade fonética entre TEN/PAR (86%) é maior que PAR/URU (83,75%), porém é superada pela relação de correspondências fonêmicas entre PAR/URU (91,25%).

Interseção	Percentual de Similaridade Fonética	Percentual de Similaridade Fonêmica
TEN / AMO	73.75%	78.5%
TEN/ URU	75%	80.5%
PAR/ AMO	77.75%	85.75%
PAR / URU	83.75%	91.25%
TEN / PAR	86%	89.75 %
URU / AMO	89 %	93..5 %

Este fato não só vem fortalecer a nossa opção de trabalhar com a comparação das correspondências fonêmicas, como também nos proporciona uma maior segurança em afirmarmos que estamos, de fato, diante de variedades de uma única língua e não de línguas diferentes entre si. Através da comparação de tais correspondências, pudemos atingir o percentual mínimo (80% a 85%) de semelhanças lexicais - preconizado pela lexicoestatística - para a classificação de variedades de línguas. Prova-se, também, que a simples comparação de similaridades fonéticas pode mascarar os resultados da análise, pois os informantes, além da liberdade de escolha de vocabulário, possuem seus idioletos e idiossincrasias.

Assim, os resultados encontrados em relação aos dados lexicais Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondava aqui analisados, confirmam a hipótese de que tratamos com variedades de uma única língua, e não com línguas diferentes entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, propusemo-nos verificar, através de uma análise comparativa sincrônica entre os níveis fonológico e lexical, se o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau seriam ou não línguas diferentes. Vimos, então, que tanto a comparação do sistema fonêmico como a do lexical demonstram serem estas variedades de uma única língua.

Os resultados aqui apresentados estão, certamente, sujeitos a uma revisão em etapas posteriores desta pesquisa. Nesse sentido, a descrição de aspectos gramaticais do Uru-eu-uau-uau é de grande importância para que se possa proceder um estudo comparativo dos aspectos gramaticais já descritos no Parintintin.

No que tange a nossa comparação do sistema fonológico - por incluir também uma descrição fonêmica preliminar do Uru-eu-uau-uau - limitamo-nos a comparar o inventário de fonemas e suas realizações fonéticas, não tratando de fatos como a sílaba e o acento. Isto supõe a continuidade no estudo descritivo da fonologia Uru-eu-uau-uau. Pudemos perceber, entretanto, que o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau compartilham de um mesmo sistema fonêmico, com pequenas diferenças nas realizações fonéticas de alguns fonemas, principalmente os nasais. Isto indica que um estudo aprofundado da nasalidade se faz necessário.

A comparação de itens lexicais, baseada no percentual de léxico compartilhado em uma lista básica de 100 palavras, dá-nos uma média de 80.875% de similaridade fonética consideradas as interseções entre Tenharim, Parintintin, Uru-eu-uau-uau e Amondava. Comparando as similaridades fonêmicas, esta média sobe para 86.375%.

Poderíamos dizer, então, que o pequeno percentual de diferenças fonéticas e as poucas diferenças lexicais se constituem como um elemento de identificação sócio-política dos índios Tenharim, Parintintin, Uru-eu-uau-uau e Amondava. É através

destas diferenças que cada um deles se identifica como povo. E esta concepção lhes embasa a afirmativa de que falam línguas diferentes.

Os resultados a que chegamos, sob o ponto de vista da lingüística comparativa sincrônica, confirmam a hipótese de que o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau se constituem numa única língua, ou seja, são variedades lingüísticas. Assim, acreditamos ser este um estudo - muito embora preliminar - que pode contribuir para com uma revisão na classificação interna das línguas do grupo Tupi-Kawahib.

SUMMARY

This dissertation presents a comparative synchronal study between Tupi-Kagwahib languages: Parintintin (Tenharim) and Uru-eu-uau-uau (Amondava).

Parintintin (Tenharim) language is used by almost 280 speakers, in the south of Amazonas. Uru-eu-uau-uau (Amondava) is spoken by about 129 indians, in the central area of Rondônia.

This work has three chapters: the first presents a brief account on the bibliographic material that is related to Uru-eu-uau-uau, Amondava, Tenharim and Parintintin groups. The second presents a preliminary comparison between Tupi-Kawahib languages at the phonologic level. The third one shows a lexical comparison.

This work shows us that Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau and Amondava are just dialectal varieties of one single language: the Kagwahib.

Keyword : Tupi-Guarani Studies; Tupi-Kawahib Group; Indians Languages

BIBLIOGRAFIA

- ADÃO, José e outros. *Informações sobre um massacre ocorrido em Rondônia -1979*. Porto Velho: CIMI, 1979, 3p. (relatório)
- ALGUNS vocabulários dos Uru-eu-uau-uau. CIMI-RO [s/d] (texto mimeografado)
- ALLEN, Harold B. and LINN, Michael. *Dialect and language variation*. London: Academic Press Inc., 1986.
- ANCHIETA, José de. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- ANTILLA, Raimo. *An Introduction to historical and comparative linguistics*. London: Macmillan [s/d]
- AZEVEDO, José S. G. *Relatório sobre a viagem realizada à área indígena Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: FUNAI, 1990, 5 p. (relatório)
- BARBOSA, Sandra M. *Relatório Uru-eu-uau-uau - Saúde*. Porto Velho: FUNAI, 1987, 3p. (relatório)
- BARNARD, Alan and GOOD, Anthony. *Research Practices in the study of kinship*. London: Academic Press, 1984.
- BETTS, LaVera. *Dicionário Parintintin/Português Português/Parintintin*. Brasília: SILL, 1981.
- BETTS, LaVera and PEASE, Hellen. *Comments on Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: SIL, 1991. (inédito)
- _____. *Parintintin Phonology* . in: Tupi Studies I . Oklahoma: SIL, 1971.
- BONHEIM. H. *Literary Systematics*. Cambridge: D.S. Brewer, 1990.

- BOUQUIAUX, Luc et THOMAS, Jacqueline M.C. (eds.). *Enquête et description des langues à tradition orale*. Vol. II. Paris: SELAF, 1976.
- BRITO, Luiz e outros. *Relatório da viagem à área indígena Uru-eu-uau-uau (aldeia Amondava)*. Porto Velho: SEDAM, 1994, 6 p. (relatório)
- _____. *Relatório da 2ª viagem à área indígena Uru-eu-uau-uau (aldeia Amondava)*. Porto Velho: NEIRO, 1994, 5 p. (relatório)
- BROOKS, Daniel and FUNK, V.A. *Phylogenetic Systematic as the basis of comparative Biology*. Washington D.C: Smithsonian Institution Press, 1990.
- CÂMARA JR., Joaquim M.(1965) *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3a. ed. Rio de Janeiro: 1977.
- CARDOSO, Ma. Lúcia M. *Parecer antropológico sobre os limites territoriais da área indígena Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: FUNAI, 1989 (texto mimeografado)
- COSTA, Mário Arruda. *Uru-eu-uau-uau: Relato de uma expedição de (primeiros contatos)*. in: *Anuário de Divulgação Científica*. Vol 10. Goiás: Universidade Católica de Goiás, Instituto de Pré-História e Antropologia, p. 147-180, 1984.
- ELDREDGE, Niles and CRACRAFT, Joel. *Phylogenetic Patterns and the Evolutionary Process: methods and theory in comparative Biology*. New York: Columbia U. Press, 1981.
- ENTRADA na área indígena Uru-eu-uau-uau. Porto Velho: CIMI, 1986, 8 p. (relatório)
- EZRAD, Bryan. A Basic Word for Papua New Guinea. in LOVING, Richard (ed). *Language variation and survey techniques*. Ukarumpa: SIL, 1985 : 45-74.
- _____. *Tutetube's Place Among the Milne Bay Province Languages: A Synchronic Study*. in LOVING, Richard (ed). *Language variation and survey techniques*. Ukarumpa: SIL, 1985 : 135-154.

- FERREIRA, Iremar A. *500 anos de resistência indígena, negra e popular*. Porto Velho: CIMI, 1992, 2p. (relatório)
- GIRALDO, José J. M. *Dialectología general e hispano-americana: orientación teórica, metodológica y bibliográfica*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo LXXIX:, 1987.
- GREENBERG, Joseph. *Language in the Americas*. Stanford University Press, 1987.
- HUGO, Vítor. *Desbravadores*. Porto Velho: Ed. do Autor/ BERON, 1991.
- KINDELL, Glória E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: SIL, 1977.
- KROEMER, Gunter. *Kanahã Made: O Povo do Veneno. Sociedade e cultura do povo Zuruahá*. Belém: CIMI Norte - Mensageiro, 1994.
- LAVER, John. *Principles of phonetics*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1955). *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiões da Fronteira: Rio Guaporé Século XVIII*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MELATTI, Júlio César (1938). *Índios do Brasil*. 7a. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MENENDEZ, Miguel. *Os Kawahiwa: uma contribuição para o estudo dos Tupi centrais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) São Paulo: USP, 1989.
- _____. *Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira*. in: Revista de Antropologia. Separata dos vols. XXVII e XXVIII. São Paulo, 1984/1985.
- _____. *Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira*. in: Revista do Museu Paulista. Separata do vol. XXVIII. São Paulo: USP, 1981/1982.

- MERCIANO, Eder e outros. *Localização e identificação de marcos e aviventação de trecho no limite norte da área indígena Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: FUNAI, 1991, 8p. (relatório)
- MOREIRA, Nilson. *Relatório de viagem*. Cuiabá: FUNAI, 1989, 9 p. (relatório)
- MOREIRA, Nilson e outros. *Relatório Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: FUNAI, 1988, 23 p. (relatório)
- NETTO, Waldemar e MORAES, Marcelo J. *Descrição preliminar da língua Uru-eu-uau-uau: subgrupo Mondawa*. São Paulo: USP, 1995, 10p. (texto mimeografado)
- NIMUENDAJU, Curt (1925). *As tribus do alto Madeira*. Journal Societé des Americanistes de Paris, 17: 137 - 172.
- O POVO Uru-eu-uau-uau. Porto Velho: CIMI, 1987, 7 p. (texto mimeografado)
- PAYNE, David L. *A Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions*. SIL, 1991.
- PEASE, Hellen. *Parintintin (Tenharim) : Histórias de Kairana*. Porto Velho: SIL, 1976, 14 p. (texto mimeografado)
- _____. *Repetições em Tenharim (Parintintin): Narrativa*. Porto Velho: SIL, 1977, 18 p. (texto mimeografado)
- PICKET, Velma e ELSON, Benjamin. *Introdução à Morfologia e à Sintaxe*. 2a.ed.Trad. Aryon Rodrigues et al.. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PIKE, Kenneth L. (1947). *Phonemics: a technic for reducing languages to Writing*. 12a. ed. USA: University of Michigan Press, 1971.
- _____. (1943) *Phonetics: a critical analysis of a phonetic theory and a technic for the practical description of sounds*. 17a. ed. USA: University of Michigan Press, 1961.

RECTOR, Mônica (org.) et al. *Questionário básico de trabalho de campo linguístico*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

RELATO *sobre os Uru-eu-uau-uau pelo Raimundo*. Porto Velho: CIMI, 1985, 3p. (entrevista mimeografada)

RIELI, Franciscato. *Amondawa urgente*. Porto Velho: FUNAI, 1991, 2p. (relatório)

_____ et al. *Relatório de Viagem Marechal Rondon*. Porto Velho: FUNAI, 1992, 8p. (relatório)

RODRIGUES, Aryon . *Morfologia do Verbo Tupi*. in: Separata de "Letras" no. 1. Curitiba, 1953.

_____ (1985) *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RUHLEN, Merrit (1990). *An Overview of Genetic Classification*. in: The Evolution of Human Languages, SFI Studies in the Sciences of Complexity, Proc. Vol. X, Eds. J.A. Hawkins and M. Gell-Mann. Adson Wesley, 1990.

SAMPAIO, Wany e SILVA, Vera. *Estudo morfológico do sistema verbal da língua Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1996, 29 p. (relatório)

SAMPAIO, Wany e ASSUNÇÃO, Giselle. *Estudo do sistema pronominal da língua Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1996, 34 p. (relatório)

_____. *Levantamento de dados linguísticos e culturais do povo Amondawa*. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1995, 81 p. (relatório)

SANDERS, Arden G. *Guidelines for Conducting a Lexicostatistic Survey in Papua New Guinea*. in: LOVING, Richard (ed). *Language variation and survey techniques*. Ukarumpa: SIL, 1985 : 21-41.

- SAVILLE-TRIKE, Muriel (1982). *The ethnography of Communication*. 2a. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- SHEVOROSHIKIN (1989) . *Methods in Interphyletic Comparisossn*. In: Ural-Altaic Yearbook 61. Ann Arbor, Michigan.
- SILVA, Aracy L. *Índios*. São Paulo: Ática, 1988.
- SIMONIAN, Lígia. *Os Uru-eu-uau-uau e os Amundawa no início dos anos noventa*. in: Cadernos CEDI - Povos Indígena no Brasil: Rondônia. p. 423 - 425, 1990.
- _____. *Área indígena Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: CIMI, 1990, 6 p. (relatório)
- SIMONS, Gary. *Recognizing Patterns of Divergence and Convergence in a Matrix of Lexicostatistic Relations*. in LOVING, Richard (ed). *Language variation and survey techniques*. Ukarumpa: SIL, 1985 : 45-74.
- SITUAÇÃO dos povos indígenas do estado de Rondônia: povo Uru-eu-uau-uau. Porto Velho: CIMI, 1986, 10 p. (relatório)
- TENHARIM, Margarida. *Histórias Tenharim: livro de leitura Tenharim/Português*. Porto Velho: SIL, 1981.
- TREVISÓ. pe. Manuel V. *Situação atual dos povos Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: CIMI, 1987, 13 p. (mimeog)
- TYLER, Stephen A. *Cognitive Anthropology*. USA: Holt, Rinehart and Wiston, 1969.
- VAZ, Antenor e outros. *Isolados Uru-eu-uau-uau*. Cuiabá: FUNAI, 1991, 20 p. (texto mimeografado)
- WETZELZ, Leo. *A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras*. in: Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- WIESEMANN, Úrsula. *Guia de Análise Gramatical*. Petrópolis: Vozes, 1979

ANEXOS

THE ABEYONKON - 1



Maloca Uru-eu-uau-uau - PIN Comandante Ari - Foto: Frietjof Muller



Aldeia Amondava- Foto: Wany Sampaio



Aldeia Uru-eu-uau-uau - PIN Alto Jamari - Foto: Wany Sampaio



Criança Uru-eu-uau-uau - Foto: Frietjof Muller



Paiajup e Tevu Amondava - Foto: Wany Sampaio



Mulheres Amondava trabalhando - Foto: Wany Sampaio



Boropó Amondava - Foto: Wany Sampaio



Tari Amondava - Foto: Cleide Bezerra



Casal Uru-eu-uau-uau dançando a Yrerua - PIN Alto Jamari - Foto: Frietjof Muller



Homem Uru-eu-uau-uau - Foto: Frietjof Muller



Mulher Tenharim - PIN Pupunha - Foto: Luiz Brito



Homem Tenharim - Pupunha - Foto: Luiz Brito



Crianças Parintintin - PIN Traira - Foto Luiz Brito



Homens Parintintin - PIN Traira - Foto Luiz Brito



Crianças Tenharim - PIN Marmelos - Foto Luiz Brito



Homens Tenharim - Pin Marmelos - Foto: Luiz Brito